

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
CURSO DE LETRAS – DLI**

O feminismo e o espírito revolucionário na obra de Alina Paim

Mateus Costa Melo

Itabaiana-SE

2024

Mateus Costa Melo

O feminismo e o espírito revolucionário na obra de Alina Paim

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus “Prof. Alberto Carvalho”, como requisito básico para obtenção do título de licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Vilma Mota Quintela (UFS)

ORIENTADORA

Prof. (ª) M(ª) Rafaela Félex Diniz Gomes Monteiro de Farias (SEED)

EXAMINADORA CONVIDADA

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos em que fui aluno do curso de Letras-Língua Portuguesa, enfrentei, como todo bom aluno, problemas e dificuldades das mais diversas. Conciliar o curso com trabalho, família e, no meu caso, religião, foi uma experiência desafiadora. Falo religião por ser adventista do sétimo dia, por isso guardo o sábado como mandamento do Senhor. Aulas na sexta-feira à noite, eu precisava faltar, por convicção. Enfrentei problemas com diversas disciplinas, motivo de meu atraso em relação à turma com a qual iniciei o curso. Meu primeiro agradecimento é ao Deus que sempre cuidou de tudo, sempre pude sentir o seu cuidado em cada aspecto da minha vida. Ele sempre foi fiel a mim, por isso fui fiel a Ele.

Gostaria também de agradecer os meus pais, Josefa e Antonio, que como a grande maioria dos pais nordestinos de sua época não tiveram o acesso à educação, mas nem por isso deixaram de entender a sua importância na construção do caráter dos filhos. Eles sempre foram, assim como os meus irmãos, e continuam sendo, um alicerce e ponto de apoio em minha vida. A conclusão desse curso também é uma conquista deles, por mérito e por excelência.

Ainda, mas nem um pouco menos importante, agradeço a minha esposa, Ellen, por todo o carinho, incentivo e paciência em cada momento de desânimo e quando aquela sensação de que tudo pode/vai dar errado. Ela é a pessoa por quem eu luto e enfrento os maiores desafios, escolhi assim. É o dever de quem ama. Obrigado por estar comigo em todos os momentos, sendo a minha melhor amiga e companheira de vida.

Agradeço aos meus amigos do curso, em especial ao amigo Alfredo, que inicialmente não era da minha turma, mas que desenvolvemos amizade ao termos tido a oportunidade de trabalhar juntos. É um irmão de outra mãe, é alguém que me ensina a ser melhor. Obrigado por sua amizade e consideração. Além dele, o meu amigo Geferson também foi peça importante, um tipo de irmão mais velho que a UFS me presenteou. À sombra das árvores da vivência, tive algumas das melhores conversas intelectuais, mas também fúteis, que qualquer aluno de graduação poderia ter. Obrigado a vocês.

E por fim, como verso áureo parnasiano, agradeço ao carinho, paciência e às incríveis demonstrações de amizade que recebi da professora Vilma. Pessoa por quem desenvolvi simpatia de primeira vista. Seu amor pelo que faz e pelo conhecimento da verdade me inspiram até hoje, desde aquela primeira aula de literatura brasileira. Obrigado também por sua amizade e influência intelectual, serei grato eternamente e nunca terei recursos com o que pagar.

RESUMO

Do ponto de vista ideológico, o século XX foi um dos mais emblemáticos da história recente da humanidade. Nele, concentraram-se as guerras que definiram a polarização do mundo em dois grandes blocos, bem como os seus principais atores políticos e seus coadjuvantes na nova ordem global que se estabelecera. Em meio a isso, vimos princípios, valores, formas de pensar e ideologias dominantes até, pelo menos, por volta da primeira metade daquele século, marcado por revoluções e quebra de paradigmas socioculturais, serem, sistematicamente, questionados, desconstruídos ou, mesmo, subvertidos. Nesse contexto, cumpre destacar dois sistemas ideológicos que tiveram importância fundamental a esse processo, a saber: o marxismo e o feminismo. Tendo isso em vista, em linhas gerais, no presente trabalho, busco refletir sobre o papel das artes e, em particular, da literatura, no estabelecimento e na rotinização de certo ideal revolucionário no Brasil, na primeira metade do século XX. Mais especificamente, neste trabalho, por meio da análise crítica de dois romances brasileiros - *A Estrada da Liberdade* (1944) e *A Sombra do Patriarca* (1950) - da escritora sergipana Alina Leite Paim (1919-2011), procuro identificar como, valendo-se dos recursos próprios da arte literária, a autora transporta para a narrativa romanesca, posicionamentos, temas e palavras de ordem consonantes com certa vertente do discurso feminista de cunho marxista, em ascensão entre um grupo influente de artistas, escritores e, em geral, produtores culturais, no momento da publicação dessas obras.

Palavras-chave: Literatura engajada; Feminismo e literatura; Feminismo marxista; Romance do Nordeste.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ALINA PAIM: UMA BIO/GRAFIA – DA INFÂNCIA À MILITÂNCIA	12
1.1 DAS PRIMEIRAS LETRAS E DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA: BREVE BIO/GRAFIA DA AUTORA	13
1.2 O ADVENTO DA ALINA PAIM ESCRITORA E O CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DA SUA PRIMEIRA OBRA	17
1.3 O ADVENTO DA ALINA REVOLUCIONÁRIA: SUA ENTRADA PARA O PCB E SUA ATUAÇÃO POLÍTICA NO CAMPO CULTURAL	21
2. O REALISMO SOCIALISTA.....	27
2.1 OS INTELLECTUAIS ENGAJADOS E SUA FUNÇÃO NO REALISMO SOCIALISTA.....	30
3. FEMINISMO: UM BREVE RESUMO E A SUA INFLUÊNCIA NAS DÉCADAS DE 40-50.....	35
3.1 DO PROTOFEMINISMO À TERCEIRA ONDA: UM BREVE RESUMO	36
4. A ESTRADA DA LIBERDADE – O ROMANCE DE FORMAÇÃO	38
5. A SOMBRA DO PATRIARCA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista ideológico, o século XX foi um dos mais emblemáticos da história recente da humanidade. Nele, concentraram-se as guerras que definiram a polarização do mundo em dois grandes blocos, bem como os seus principais atores políticos e seus coadjuvantes na nova ordem global que se estabelecera. Claro é que a cultura, melhor dizendo, o discurso político-cultural, gestado, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, teve crucial importância na formação desse novo mundo. Afinal, como já dizia o poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe, somos governados por filósofos mortos, e incluo aqui os artistas das palavras, os criadores de histórias. Assim, no decorrer do século XX, vimos princípios, valores, formas de pensar e ideologias dominantes até, pelo menos, por volta da primeira metade daquele século, marcado por revoluções e quebra de paradigmas socioculturais, serem, sistematicamente, questionados, desconstruídos ou, mesmo, subvertidos.

Nesse contexto, cumpre destacar dois sistemas ideológicos que tiveram importância fundamental a esse processo, a saber: o marxismo, derivado das teorias sociopolíticas e econômicas de Karl Marx e Friedrich Engels; e o feminismo, conjunto de movimentos políticos, sociais e ideológicos que contou com três grandes ondas. Tendo isso em vista, em linhas gerais, no presente trabalho, busco refletir sobre o papel das artes e, em particular, da literatura, no estabelecimento e (para usar a expressão empregada pelo crítico Antonio Cândido) na rotinização de certo ideal revolucionário no Brasil, na primeira metade do século XX. Mais especificamente, neste trabalho, por meio da análise crítica de dois romances brasileiros - *A Estrada da Liberdade* (1944) e *A Sombra do Patriarca* (1950) - da escritora sergipana Alina Leite Paim (1919-2011), procuro identificar como, valendo-se dos recursos próprios da arte literária, a autora transporta, para a narrativa romanesca, posicionamentos, temas e palavras de ordem consonantes com certa vertente do discurso feminista de cunho marxista, em ascensão entre um grupo influente de artistas, escritores e, em geral, produtores culturais, no momento da publicação dessas obras.

Este trabalho é produto de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida ao longo de três anos sendo produto de uma abordagem qualitativa¹, fundamentada em um referencial teórico

¹ Sobre o método qualitativo na pesquisa científica ver Guerra (2014). De acordo com o autor, na abordagem qualitativa, “o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda” (Cf. GUERRA, 2014, p. 11). Sobre a pesquisa bibliográfica, ver Prodanov e Freitas (2013)

específico sobre o assunto estudado, dentre outros referenciais, tais como entrevistas, depoimentos e reportagens jornalísticas.

No que se refere ao referencial teórico, dentre as obras que fundamentaram a minha reflexão sobre as relações entre discurso revolucionário e dominação cultural cumpre aqui destacar os estudos de *Meditações pascalianas*(2001) e *Sociologia* (1983), ambos de Pierre Bordieu, *A revolução de 30 e a cultura*, de Antonio Candido (1984), *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim*, de Gabriel Moura Silva (2022), *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*, de Marcos Francisco Martins (2010), *À esquerda de seu tempo: Escritores e o Partido Comunista do Brasil*, de Marisângela Martins (2012), *Cadernos do Cárcere e Escritos políticos*, de Antônio Gramsci (1999, 2001, 2004), *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil*, de Rodrigo Patto Sá Motta (2002), Andrei Jdanov (1934, 1950), *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista*, de Dênis de Moraes (1994), *Literatura e Revolução*, de Leon Trotski (2007) e *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*, de Olavo de Carvalho (2014), dentre outros.

Por meio desses estudos, foi possível entender melhor a relação que se estabelece entre a produção cultural, a classe intelectual e os movimentos revolucionários gestados na primeira década do século XX, e como esses movimentos atuaram, de forma direta ou indireta, à construção de certo imaginário hoje dominante no plano mundial e, em particular, no Brasil.

Já para a compreensão do cenário político e social do complexo século XX no Brasil, recorri aos estudos *O método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil* e o já citado *A Revolução de 30 e a cultura*, de Antônio Candido (1953, 1984), *Partido comunista, cultura e política cultural*, de Antônio Rubim (1986), *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*, de Napolitano e Czajka (2013), *O Cruzeiro*, de Bruno Brasil (2015), *O Partido Comunista, a cultura e os intelectuais nos anos 1940 e 1950*, de Augusto Buonicore (2018), *O Estado Novo: o que trouxe de novo?*, de Maria Helena Capelato (2003), *Os intelectuais de São Paulo e o III Congresso Brasileiro de Escritores*, de Artur Neves (1950), dentre outros. Com as informações obtidas a respeito do cenário político, pude entender melhor o contexto histórico em que se dá a formação política da autora e da sua luta em prol do ideal revolucionário socialista. Além disso, com base nesses estudos, pude refletir sobre como, pela ocupação sistemática de instituições sociais estratégicas, tais como veículos da imprensa periódica, editoras, associações de escritores, secretarias de estado, forças armadas e

universidades, a elite intelectual socialista e, em particular, do Partido Comunista do Brasil (ao qual Alina era filiada quando publicou os romances supracitados) pode se colocar no centro do debate político e cultural, protagonizando, assim, uma luta programática pela hegemonia do ideal revolucionário no Brasil.

Já para uma reflexão sobre os pressupostos do pensamento feminista subjacentes ao discurso das protagonistas Marina e Raquel, foi muito importante a leitura do livro *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir, uma das mais importantes representantes desse pensamento. Essa obra emblemática lança as bases ideológicas das chamadas “segunda e terceira onda” do movimento feminista, colocando em primeiro plano a discussão sobre gênero, sobre o lugar da mulher na sociedade, defendendo a tese da sociedade patriarcal como lugar onde se estabelecem relações perversas de poder e domínio dos homens sobre as mulheres. Além dessa obra, foi também fundamental a esta reflexão o estudo da pesquisadora brasileira contemporânea Ana Caroline Campagnolo (2019), autora do livro *Feminismo: perversão e subversão*, que desenvolve um contraponto crítico ao pensamento de Beauvoir. O livro de Campagnolo constitui um abrangente material de pesquisa sobre as três ondas do movimento, trazendo uma reflexão crítica sobre seus pressupostos fundamentais. Além dessas duas publicações, para o desenvolvimento deste trabalho, foram também consultados os estudos *Dicionário crítico do feminismo*, de Christine Delph (2009), *La dialectica de los sexos: em defesa de la revolución*, de Shulamith Firestone (1976) e *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft (1792).

Por fim, no que se refere, em especial, à construção romanesca, isto é, às particularidades estéticas das obras estudadas (aqui compreendidas como exemplares do chamado “romance de formação”), foi fundamental, para o desenvolvimento deste estudo, o livro *O canône mínimo: o Bildungsroman na história da literatura* (2000), de Wilma Patrícia Maas. Por meio dessa leitura, pude compreender os fundamentos poéticos dos dois romances em questão, os quais configuram, no plano literário, momentos específicos da trajetória intelectual de uma jovem professora, respectivamente, Marina (*Estrada da Liberdade*) e Raquel (*A Sombra do patriarca*), em conflito com a ordem social dominante. Além disso, dada a relação que Maas estabelece entre o *bildungsroman* (romance de formação) e a biografia, esse estudo me forneceu elementos a refletir sobre o caráter autobiográfico dos dois romances, aspecto esse endossado em depoimentos e entrevistas com a autora, realizadas por pesquisadores que tiveram a oportunidade do contato direto com Alina Paim. Esse é o caso da professora Ana Maria Leal Cardoso (2010) e do jornalista GilFrancisco (2008).

Outros dados referentes à biografia de Alina Paim, que me permitiram apreender aspectos autobiográficos dos romances estudados, compreendendo as narradoras protagonistas de ambos como espécies de *alter egos* da autora, foram colhidos em documentos encontrados nos arquivos públicos do Partido Comunista do Brasil e nos estudos *Leitura descobre uma romancista: Estrada da Liberdade*, de Melo Lima (1944), *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, do escritor Jorge Amado (2012) e *Alina Paim, escritora com rosto de adolescente faz romance social com a participação do povo!*, de Mauritoni Meira (1954). Em suma, por meio desses referenciais, pude estabelecer conexões entre a biografia da autora e o processo de formação intelectual das protagonistas Marina e Raquel, destacando aspectos que definem as respectivas obras como romances de formação da intelectual engajada (para usar aqui uma expressão gramsciana, que será melhor compreendida mais à frente), nos quais personagens fictícias vivem situações, de certa forma, também vivenciadas pela autora em sua trajetória intelectual e revolucionária. Nesse processo simbiótico, criador e criatura se confundem, estabelecendo-se, desse modo, conexões evidentes entre a realidade vivenciada pela autora e a sua ficção.

O presente trabalho tem por motivação a minha sempre aguçada curiosidade a respeito dos movimentos literários, da formação de imaginários e, principalmente, das questões sociais mais importantes de nossa época e que estão intrinsecamente ligadas à produção cultural. Muitas das ideias circulantes em nosso meio hoje, como de “julgo popular”, foram criadas e pensadas por filósofos de outros tempos. A ideia de percorrer a cadeia evolutiva dessas ideologias até o patamar a que chegaram hoje, é importante pois me ajuda a entender como a nossa sociedade pensa, partindo do pressuposto de que não somos folhas em branco. Outro motivo que me fez desenvolver o interesse pelos estudos nessa área é que temos um belo exemplar sergipano que esteve presente em quase todos os principais acontecimentos da nossa história recente. Alina Paim mostra como os sergipanos podem ganhar destaque nas mais diferentes áreas de atuação e dar a sua contribuição na construção de algo novo. O Brasil de hoje, sem dúvida alguma, é produto dos acontecimentos do nosso século XX, onde as tentativas de revoluções, as guerras, influenciaram o nosso imaginário, o nosso jeito de ser brasileiros.

Portanto, entendermos quem somos, quais ideias defendemos e como as defendemos é importante para a construção de um novo pensamento na eterna dialética das ideias humanas. Entendo, por fim, que este trabalho pode contribuir à formação literária de estudantes do curso de Letras, bem como, em geral, do público interessado em entender melhor como os romances nos formam e nos informam como pensadores e atores sociais.

1 ALINA PAIM: UMA BIO/GRAFIA – DA INFÂNCIA À MILITÂNCIA

Silenciosa, talentosa e paciente, essa romancista sergipana, deficiente visual aos 89 anos, construiu seu mundo sem pressa, jamais se desligou do interesse humano, do sentido político e social de suas histórias e de seus personagens. Apesar das opiniões favoráveis à sua obra que mereceram a crítica nacional e internacional, a colocando na altura das melhores romancistas da sua geração, seu nome está injustamente excluído dos compêndios literários brasileiros. [...] Alina Paim foi também silenciada pelo Partido, apesar de ter sido beneficiada da rede de relações construída no seu itinerário. [...] O romance tem em Alina Paim a mão que o denuncia de todos os segredos e violências, explorando-o em cada ângulo difícil sem restringi-lo à mera análise superficial, exigindo assim do crítico que a estuda um esforço vital, um reconhecimento de nuances, ampliando sua visão de autora consciente e politizada. (GILFRANCISCO, 2008, p.13)

Decidi começar com essa citação do jornalista Gil Francisco para mostrar, em certa medida, toda a riqueza, influência, mas também o apagamento na história de vida e das obras de Alina Leite Paim, escritora sergipana (escreveu 14 livros, dez romances e quatro livros infantis²), que esteve presente e atuante num dos períodos mais importantes da história do Brasil, quando os ideais e ideias comunistas chegaram ao país, e que repercutem até os dias de hoje.

Alina, ao lançar seu primeiro romance nacionalmente em 1944, tornou-se parte de um grupo especial de escritoras que destacaram o modo feminino de narrar histórias em suas obras, marcando presença no cenário literário brasileiro da época com suas particularidades e desafios. Junto com Alina, encontramos nomes como Cecília Meireles (1901-1964), Gilda Machado (1893-1980), Dinah Queiroz (1911-1982), Clarice Lispector (1920-1977), Rachel de Queiroz (1910-2003) e, por último, a contista Lygia Fagundes Telles (1923-2022). Essa trajetória se inicia com o primeiro capítulo de suas vidas, seguido pela sua entrada no cenário literário brasileiro durante sua formação profissional e, por fim, sua participação nos movimentos comunistas da época e seu comprometimento com o Partido.

Com uma história de vida tão rica e complexa como a de Alina, precisarei subdividir este capítulo em três seções: A primeira se debruça sobre a sua infância, o início da sua formação educacional e profissional; Na segunda seção, trato do desenvolvimento da sua escrita e do contexto de publicação da sua primeira obra, *Estrada da Liberdade*; Na terceira e última seção, trato da sua entrada para o Partido Comunista do Brasil (PCB) e da sua atuação política na cultura e nos espaços públicos brasileiros da época, identificando-a como uma *intelectual*

² GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008, p. 38.

orgânica. Dessa forma, espero ter conseguido abraçar toda a trajetória de uma mulher sergipana que cresceu nos meios intelectuais brasileiros e que mostrou o seu valor ao trabalhar fervorosamente pelos ideais em que acreditava e que buscava alcançar por meio das suas obras.

1.1 Das primeiras letras e da educação primária: breve bio/grafia da autora

Para falarmos um pouco de como a vida de Alina está presente e permeia toda a sua obra, trago o conceito de *bio/grafia* utilizado pelo francês Dominique Maingueneau, onde ele explica que:

Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união. [...] Falaremos de *bio/grafia*, com uma barra que une e separa dois termos em relação estável. “Bio/grafia” que se percorre nos dois sentidos: da vida rumo à *grafia* ou da *grafia* rumo à vida (MAINGUENEAU, 1993, p.46).

Dessa forma, percebemos que existe sempre uma relação intrínseca entre a obra literária e a vida do escritor. Já que falaremos um pouco da vida de Alina, devemos também analisar que existe uma complexa relação, não entre obras isoladas, mas permeando toda a criação literária dela. A expressão “bio/grafia” é utilizada aqui – e assim como Maingueneau – para enfatizar essa relação, indicando a união e também a separação desses dois termos. Implica-nos a dinâmica de uma via de “mão dupla”, na qual a vida influencia a escrita e a escrita molda a compreensão da vida. Alina moldou a sua escrita a partir das suas vivências, mas também moldou a sua vivência a partir das obras que escreveu.

Em 2007, Alina concedeu uma entrevista ao jornalista sergipano Gil Francisco e quando perguntada com quem a autora aprendeu as primeiras letras, ela respondeu:

AP – Aprendi com minha mãe aos quatro anos. Durante um almoço de domingo, presentes meu pai e meu tio (irmão dele), disseram: amanhã vai começar a ler, aprender a ler. Minha mãe fez uma aposta com meu pai. Ele sabia que eu só iria para a escola com seis, sete ou oito anos. Ela disse que me faria aprender a ler dentro de três meses. Caso eu não aprendesse desistiria, não me ensinaria mais (GILFRANCISCO, 2008, p.30)

Após essa resposta, podemos afirmar que o seu gosto pela leitura e pela escrita foram cultivados desde cedo por sua mãe. Aparentemente a sua vocação literária como escritora foi despertada muito cedo, isso demonstra que a transmissão de valores, costumes e gestos familiares refletiram na formação de seu *habitus* e, conseqüentemente, na criação e objetivação de seu capital cultural, para usar termos do sociólogo Pierre Bourdieu (1983) de como essas informações passadas pela mãe formaram um sistema de disposições duráveis e transponíveis

que, ao integrar todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações que torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas graças às transferências analógicas de esquemas pré-prontos, como é o caso da autora estudada.

Alina Andrade Leite (o sobrenome “Paim” só é adotado por ela em 1943, após casar-se com o Dr. Isaias Paim), nasceu na cidade de Estância, no estado de Sergipe, em 10 de outubro de 1919. Primeira e única filha de Manuel Vieira Leite, que era caixeiro-viajante, e da dona de casa Maria de Andrade Leite Portela, ambos sergipanos. Devido à mudança na rota de vendas de seu pai, a família mudou-se para Salvador, na Bahia, ainda aos três meses de idade de Alina. Contudo, o batismo da menina aconteceu em Simão Dias, Sergipe, na Paróquia de Sant’ana, em 9 de março de 1920, cidade onde moravam seus padrinhos/avós maternos, Bernardino e Adelaide, os quais, posteriormente tiveram uma importância significativa na criação dela.

Conforme exposto acima, o processo de alfabetização e de letramento de Alina foi iniciado, de maneira informal, ainda em 1924. A própria autora conta que em uma manhã de segunda-feira, foi levada até uma quitanda, por uma empregada da família, com a finalidade de comprar “o ABC, uma lousa com uns lápis de pedra, um caderninho e a tabuada” (GILFRANCISCO, 2008, p.30). As aulas aconteciam durante o período da tarde, já que sua mãe havia dito que pela manhã a criança deve brincar e se divertir. Passados os três meses acordados na aposta com o pai, ele tomou uma cartilha e escolheu algumas palavras para que fossem lidas pela filha, as quais foram pausadamente soletradas.

Alina recebeu apoio e incentivo no seu processo de aprendizagem de Vó Donana, mãe do seu pai. Ela também vivia em Salvador, era alfabetizada e admiradora de arte e de teatro, inclusive levava sua neta para assistir a peças de ópera e visitar livrarias. Por esse motivo, Alina já havia lido três livros completos antes dos seis anos de idade e de ingressar ao ensino primário. Ela leu uma cartilha de Felisberto de Carvalho (a mais difícil e respeitada, segundo ela) e duas obras com diversas histórias infantis, dentre elas a Branca de Neve e Ali Babá e os Quarenta Ladrões.

O processo de aprendizagem de Alina sofre um duro golpe em 1926, após o falecimento de Maria, sua mãe, vítima de tuberculose (CARDOSO, 2010, p.125). O episódio transformou consideravelmente a vida da futura escritora. Ela precisou lidar com os impactos psicológicos da perda de uma das suas maiores referências e precisou adaptar-se a uma nova realidade. Tornar-se meio órfã marcou muito o imaginário de Alina, tanto que é algo recorrente em seus romances como em *A Estrada da Liberdade*, de 1944 e *Simão Dias*, de 1949. Segundo

informações da época, seus primeiros críticos literários identificaram essa peculiaridade e já definiram as suas obras como peças autobiográficas.

Se já não bastasse a perda da sua mãe, a profissão do seu pai exigia muitas viagens e por longos períodos longe de casa, o que acarretou na mudança de Alina para a cidade sergipana de Simão Dias, local onde foi morar com seus avós maternos/padrinhos. A sua avó Adelaide havia concluído apenas os estudos primários, casou-se com Bernardino e trabalhava como costureira e dona de casa. Já ele, o avô, trabalhava na coletoria de impostos da cidade. Ainda em seu novo lar viviam mais quatro tias, todas solteiras: Iaiá, Adelaidinha, Emília e Laura. A última encarregou-se de tratar de forma mais “maternal” da sobrinha e dedicou-se à sua criação e promoção da sua educação. Foi ela quem matriculou Alina, aos sete anos, na Escola Menino Jesus, sua primeira experiência na educação formal. Passado pouco tempo, ela foi transferida para o Grupo Escolar Fausto Cardoso, instituição católica de formação religiosa e educacional.

Alina ganhou, no Grupo Escolar Fausto Cardoso, notoriedade com sua aparente facilidade em aprender, o que lhe rendeu vários elogios na cidade, resultado do trabalho iniciado pela mãe anos atrás. Durante as férias era levada pelo pai ao Colégio Nossa Senhora da Soledade, educandário gerido por freiras localizado em Salvador. Muito embora o Colégio aceitasse apenas meninas com 10 anos de idade, Alina já o frequentava desde os 8 anos. Ela era orientada por uma irmã chamada Gertrudes, que a colocava para “escrever redações de português em papel de embrulho e tijolo, pois papel de rico era muito caro”³. Com a sua habilidade e o gosto pela escrita, Alina, ainda no Colégio, teve a sua primeira experiência como escritora, o que a ajudou posteriormente em sua entrada para o cenário literário nacional.

No Colégio das freiras existia um jornalzinho interno chamado “Arco-iris”, formado por artigos escritos por alunas, mas assinados com pseudônimos. Alina foi convidada pela Irmã Gertrudes a escrever um artigo, mesmo sem ser ainda aluna do educandário. O texto recebeu o título de “Canção da tarde”, nele a autora expressava o seu sentimento pelo sol, que mesmo indo embora, sempre retornava. Além dessa redação, outro texto chamou a atenção das freiras. Alina sempre foi apreciadora das histórias do francês Júlio Verne, já tendo lido, antes dos 10 anos, pelo menos 28 livros do autor e, a cada leitura, ela realizava resumos e reflexões sobre as histórias e mundos apresentados por ele.

Irmã Gertrudes, ao ter acesso a essas anotações de Alina, apresentou-as à Madre Superiora, responsável pela escolha dos artigos para o jornal. Selecionou esse texto para

³ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008, p. 34-35.

publicação. A influência de Júlio Verne a acompanhou durante toda a vida, até o momento em que ela trabalhou na rádio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), entre 1945 e 1956. Ela escrevia os roteiros para o programa infantil *No Reino da Alegria*, além de escrever alguns livros de literatura infanto-juvenil, a exemplo de *A Casa da Coruja Verde*, *Luzbela Vestida de Cigana* e *O Lenço Encantado*, publicados em 1962 e *Flocos de Algodão*, em 1966.

Assim como aconteceu com sua mãe alguns anos antes, tia Laurinha faleceu, também vítima de tuberculose. De acordo com Ana Maria Leal Cardoso⁴, ainda em seu leito de morte, a tia pediu ao pai da menina que a matriculasse de vez no Colégio Nossa Senhora da Soledade, em Salvador. Todavia, antes disso acontecer, Alina afirma que após a morte da Tia, sofreu com violências físicas cometidas pelas outras tias. Esse período em que viveu com os avós maternos no interior sergipano, – dos 7 aos 10 anos – embora seja marcado por episódios dolorosos em sua trajetória, não foram esquecidos ou negligenciados por ela. Pelo contrário, em sua obra *Simão Dias*, de 1949, a autora narra algumas dessas experiências, inclusive, dando nomes reais aos seus personagens e, principalmente, evidenciando a temática da condição feminina frente à ordem patriarcal imperante.

Em 1929, Alina e seu pai mudaram-se para Salvador, onde ela se tornou interna no Colégio Nossa Senhora da Soledade. Durante esse período de internato sob os cuidados das freiras, Alina recorda que sempre foi bem acolhida desde os tempos em que passava suas férias lá. Ao se tornar aluna, esse tratamento favorável continuou, inclusive com incentivo ao estudo da Língua Portuguesa. Embora a educação fosse de natureza religiosa, as normas morais e a disciplina rígida eram características da instituição. No entanto, Alina começou a expressar críticas a esse modelo educacional em um estágio posterior de sua vida, quando já havia amadurecido pessoal e intelectualmente, especialmente após concluir seus estudos, deixar o convento e se mudar para o Rio de Janeiro. É nesse contexto que ela escreve "Estrada da Liberdade", expondo seu ponto de vista sobre as freiras e o sistema educacional por elas promovido.

Alina permaneceu como interna do Colégio durante oito anos, de 1929 a 1937, ano em que concluiu seus estudos secundários e formou-se professora, aos 18 anos. Após uma viagem de volta a Sergipe, ela retorna para Salvador e é convidada pelas freiras para dar aulas no Colégio. Logo em seguida, após alguns meses, Alina é aprovada no concurso de professores do Estado da Bahia. Lecionando no ensino público ela trabalhou com o primeiro e segundo anos

⁴ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In. *Aletria*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 20, p. 125-132, 2010.

da Escola Normal, na Escola Estadual Arão Carneiro, situada na Estrada da Liberdade. É, nessa mistura de realidades, que a autora encontra os ingredientes perfeitos para a sua primeira obra publicada, com alto teor biográfico, como analisaremos mais à frente.

Durante o tempo em que lecionou no educandário religioso e na Escola da Estrada da Liberdade, Alina viveu como pensionista na casa de uma das famílias mais ricas da capital baiana. Em 1940, a jovem professora passou por um grave quadro de depressão, levando-a, inclusive, a atentar contra a própria vida. Devido às circunstâncias, Alina foi internada no Hospital São João de Deus, de modo a recuperar-se do ocorrido. Esse período de clausura, embora carregado de forte dor física e psicológica, foi o palco de encontro de Alina com seu futuro marido, o então estudante de medicina Isaías Paim⁵.

Após três meses de internamento, Alina recebeu alta da clínica, totalmente recuperada e noiva do Dr. Paim. Nos anos seguintes, continuou sua carreira como professora, porém apenas na Escola Pública da Estrada da Liberdade, deixando para trás o cargo que ocupava no Colégio Nossa Senhora da Soledade, onde lecionara por quatro anos. Em 8 de janeiro de 1943, Alina e o médico já formado oficializaram sua união. Meramente três dias após a cerimônia, o casal partiu para o Rio de Janeiro, onde o Dr. Paim já tinha uma proposta de trabalho. Eles levaram consigo uma significativa coleção de livros, composta por "48 caixotes", e Alina adotou um novo sobrenome: Alina Leite Paim. Na capital do país naquela época, Alina teve a oportunidade de conviver com renomados escritores da literatura nacional, que se tornaram seus amigos e colegas de ideais.

1.2 O advento da Alina Paim escritora e o contexto de publicação da sua primeira obra

Logo após a sua chegada à capital brasileira à época, Rio de Janeiro, em 1943, a cidade oferecia mais oportunidades de trabalho tanto para Alina quanto para o seu marido, o Dr. Paim. Todavia, o diploma dela só era válido no Estado da Bahia. Com as limitações impostas pela burocracia, a jovem professora conseguiu oportunidade apenas numa escola informal, na vila de pescadores da ilha da Marambaia-RJ. Alina viu-se angustiada com as histórias de vida e de sofrimento dos seus alunos com as quais se deparava diariamente e com experiências parecidas

⁵ Nascido em Juazeiro, Estado da Bahia, Isaías era de família pobre e buscou na educação a sua ascensão. Formou-se médico pela Escola de Medicina da Bahia e, embora um dia ter desejado ser pediatra, especializou-se em Psiquiatria e Psicologia. Ao longo de sua trajetória ocupou diversos cargos públicos, foi professor universitário e publicou mais de 30 trabalhos, entre livros e artigos, sendo algumas dessas obras, referências nacionais no estudo da Psiquiatria Forense. Isaías Paim faleceu em 2004, na cidade do Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul. Informações da nota consultadas em: SOUZA, Juberty Antonio de; PICCININI, Walmor J. *História da Psiquiatria: Isaías Paim (1909-2004)*. In. *Psychiatry on line Brazil*, São Paulo, vol. 15, nº 1, Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano10/wal0110.php>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.

obtidas ainda na Bahia. O que acabou por aguçar ainda mais as suas preocupações com os problemas sociais vividos por seus alunos.

Esse discurso e essas observações aparecem no enredo do seu primeiro romance, embora a narrativa tenha como cenário a cidade de Salvador e não no Rio de Janeiro. A autora diz que foi nesse período, das aulas na Marambaia, que desenvolveu a escrita do romance, e destaca ainda que já havia tido a ideia na Bahia, mas com a chegada à Capital a sua preocupação era antes conseguir um emprego que escrever um livro.

Sou uma professora de vocação, gosto de ensinar, quero bem aos meus alunos, de maneira que me dedicava de corpo e alma aos bichinhos. Como se pode ter tempo para escrever despreocupadamente quando cada aluno que a gente ensina representa às vezes um drama tão grande que até parece uma acusação dirigida a nós? (LIMA, 1944, p. 41).

Logo após essa experiência, ela foi realizar outras atividades:

(...) a convite de Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio do Ministério da Educação e Cultura, começou a escrever para o programa infantil *No reino da alegria*, dirigido por Geni Marcondes, tendo colaborado com esse projeto de 1945 a 1956, escrevendo aulas para crianças e adolescentes (CARDOSO, 2010, p. 126).

Com esse trabalho, Alina conseguiu desenvolver ainda mais as suas habilidades como escritora. No ano seguinte, em 1944, ela publicou o seu primeiro romance o *Estrada da Liberdade*. É importante notar aqui que a autora já era militante do Partido Comunista Brasileiro, contexto em que este se encontrava na ilegalidade, vindo a tornar-se legal no ano seguinte, onde a escritora foi admitida oficialmente pelo Partido⁶.

30. Sua estreia literária foi com *Estrada da Liberdade*?

AP – Sim, na época eu já era militante do Partido Comunista⁷.

Por mais que o Partido ainda não contasse com a plena liberdade de atuação no cenário político nacional, a política não ficou ausente na sua trajetória enquanto intelectual orgânica ou engajada (conceito gramsciano que aprofundaremos mais à frente). Todo o processo de publicação do seu primeiro romance, os agentes envolvidos nele e, principalmente, os laços sociais que ela cultivou nesse período, mostram a sua importância e o seu comprometimento com as causas comunistas do período.

Uma dessas primeiras amizades foi feita com o já bem sucedido escritor e ativo militante comunista, Graciliano Ramos. Após várias tentativas indo à Confeitaria Colombo, em

⁶ RECRUTAMENTO para o Partido Comunista do Brasil. In. *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Polícia Política; Série comunismo, notação 2-A, maço 03. fls. 104.

⁷ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008. p. 38.

Copacabana, local de frequentação da classe intelectual brasileira, Alina depara-se com o escritor e o entrega uma cópia manuscrita do *Estrada da Liberdade*, que ela o questionou se era de fato um romance ou não. Ao término do prazo de 15 dias para leitura, solicitado por Graciliano, ele a respondeu, em um novo encontro: “É um romance sim, e dos bons, porém falta-lhe aprimorar a técnica”⁸. A partir desse momento, ele torna-se tutor literário de Alina. Ensinou-a e a ajudou a aprimorar suas técnicas de escrita. Além da relação intelectual, os laços políticos também foram um forte motivo para a amizade.

Nesse período, o Partido Comunista construiu uma ampla rede de comunicação. Tinha, em seu poder, pelo menos oito jornais diários, hegemônicos de comunistas, em vários estados brasileiros: Tribuna Popular (RJ), Hoje (SP), O Momento (BA), Folha do Povo (PE), O Democrata (CE), Tribuna Gaúcha (RS), O Estado de Goiás (GO), Folha Capixaba (ES)⁹. Além disso uma agência de notícias própria, a *Interpress*, que filtrava, produzia e distribuía as notícias com esses e outros jornais. Nessa rede, existiam editoras específicas, como a *Editorial Vitória*, com o propósito de constituir uma cultura socialista¹⁰ no país. Segundo Augusto Buonicore (2018), “este, sem dúvida, foi o período de maior influência comunista entre os intelectuais brasileiros”.

Graciliano, ou Mestre-graça, como ela o chamava carinhosamente, a aconselhou a procurar por uma editora comunista para que o romance fosse publicado. Na época, o contexto editorial brasileiro favoreceu em muito o aparecimento de editoras de orientação esquerdista e ligadas ao PCB. Editoras como a *Leitura* ofereceram espaço de ação para os novos métodos comunistas de tomada do poder, após o desastre da Intentona em 1935. Com teorias como a de Antonio Gramsci, famoso escritor italiano, sobre a busca e o apoio a intelectuais engajados na luta social, o movimento comunista em todo o mundo iniciou um processo de “frentismo cultural”¹¹, com o objetivo de disseminar as ideias políticas do Partido em todos os meios de comunicação e produzir uma nova cultura, amparada nos métodos e esquemas socialistas, no país.

⁸ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Op. Cit.* 2010. p. 127.

⁹ BOUNICORE, Augusto. *O Partido Comunista, a cultura e os intelectuais nos anos 1940 e 1950*. Site do PCdoB, 2018. Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/o-partido-comunista-a-cultura-e-os-intelectuais-nos-anos-1940-e-1950/> Acesso em: 30 de novembro de 2023.

¹⁰ *Ibid.* p.4

¹¹ SILVA, Gabriel Moura. *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1994-1956)*. Dissertação (Pós-graduação em História) 236 f. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ): São João Del-Rei, 2022. P.46

Quando Alina procurou a editora, ela foi informada de que há pouco um concurso literário havia sido feito, mas mesmo assim uma oportunidade foi dada a autora, por pedido de Graciliano, pelo editor José Barboza de Mello e pelo próprio coordenador do concurso, Oswaldo Alves, todos alinhados ao comunismo. Então a obra dela foi justamente a escolhida, por adequar-se aos ideais defendidos pelos socialistas. De acordo com Cláudia Rio Doce¹², a revista tinha o objetivo de não somente promover a literatura, mas toda a cultura em geral, priorizando a *aproximação do artista com o povo*. Aqui fica expressa quase a definição dada por Gramsci do que seria um *intelectual orgânico*:

[...] o intelectual orgânico às classes subalternas é o indivíduo ou a organização social (sindicato, partido político, etc) que se propõe a assumir inúmeras tarefas no processo de superação da sociedade de classes, sobretudo três com perfis dialeticamente articulados: as de cunho científico-filosófico, as educativo-culturais e as políticas (MARTINS, 2010, p.7).

A ideia central é a de que existe uma superestrutura (termo de Marx, identifica todo o conjunto de ideias e modos culturais, além de religião, Estado, direito e ideologia), ou uma ideologia burguesa que domina a produção das ideias e dos conceitos, e além de dominar, continua a reproduzir essas ideias e conceitos pelas próximas gerações, como uma “cristalização dos seus valores” um *habitus* burguês/capitalista, no conceito de Pierre Bourdieu (2001)¹³. Gramsci fala sobre a inserção de intelectuais engajados pelos ideais socialistas nos espaços de produção cultural, para que aos poucos a superestrutura capitalista enfraqueça e dê o lugar para uma nova cultura, a cultura da sociedade comunista. Para Gramsci, [...] “a tarefa dos intelectuais é determinar e organizar a reforma moral e intelectual, isto é, adequar a cultura à função prática” [...] (GRAMSCI, 1999, p. 126). Falaremos melhor sobre esse assunto no capítulo sobre o *Realismo Socialista*. Por hora, é importante marcar a posição de Alina e o contexto em que seu primeiro livro é lançado.

Ademais, outros personagens também estiveram juntos a Alina na publicação e na divulgação, por meio de resenhas e artigos, de *Estrada da Liberdade*. Como é o caso do já mencionado Graciliano, Edison Carneiro, Dias da Costa, Jorge Amado e Oswaldo Alves, figuras recorrentes na história do PCB desde a década de 30. Dessa forma, percebemos como se deu a aproximação da escritora sergipana com o Partido e com os seus ideais e lutas.

¹² RIO DOCE, Cláudia. *Literatura e política cultural pelas páginas de Leitura*. In. *Revista IEB* (USP), São Paulo, n. 54, set./mar., 2012. P. 67-86

¹³ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. P.111

1.3 O advento da Alina revolucionária: sua entrada para o PCB e sua atuação política no campo cultural

Como já dito, quando Alina entrou para as fileiras do Partido Comunista do Brasil, assim que chegou à capital Rio de Janeiro, em 1943, o partido ainda atuava na clandestinidade com as medidas getulistas do Estado Novo. O PCB foi fundado em 1922, seguindo uma prática muito forte na época em que a URSS buscava ampliar os seus domínios na América do Sul, mas ainda no mesmo ano foi cassado. Retornou em janeiro de 1927 e oito meses após foi cassado novamente. Voltou a ser legalizado apenas em 1945. Entre esse ano e 1947 foi o período de maior ocorrência de ações legais do Partido.

Desde o seu nascimento o Partido Comunista Brasileiro enfrentou duras repressões por parte do Estado brasileiro. E essas hostilidades aumentaram exponencialmente durante a segunda metade da década de 30, principalmente após os Levantes da Intentona Comunista em 1935. Foi uma tentativa de golpe de Estado comandada pelos membros, civis e militares, da ANL (Aliança Nacional Libertadora), e muito principalmente por seu líder, Luís Carlos Prestes, também presidente do PCB. O objetivo era a derrubada do governo Vargas, a tomada do poder e, logo em seguida, a implementação do comunismo no Brasil.

Com o aumento das repressões, a militância comunista passou por um período de complicada situação social e política, receberam o nome de grandes inimigos da pátria e consolidaram todo o imaginário *anticomunista*¹⁴, o que proporcionou as várias perseguições e coerções nos anos seguintes. Em 1937, por meio do Plano Cohen, que foi um documento apreendido pelo governo brasileiro no qual os comunistas organizavam um plano para a tomada do poder no Brasil novamente, como em 1935. Após isso, a Constituição Federal de 1934 foi anulada, o Congresso foi fechado e os partidos políticos existentes foram extintos. Vargas recebeu amplos poderes e durante esse período vários membros do PCB foram presos sob ameaça de traição.

As repressões só diminuíram a partir de 1942, segundo a historiadora Maria Helena Capelato¹⁵, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial. O governo Vargas já enfraquecia, o que deu oportunidade para a rearticulação do PCB e da sua militância, inclusive com a participação destes nas esferas do Governo Federal. É nesse contexto em que Alina toma lugar entre as fileiras dos comunistas. E como bem descreveu Dominique Maingueneau:

¹⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Editora Perspectiva, 2002. P.62-70

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republico: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 113.

O importante é a maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor (MAINGUENEAU, 2001, p.45).

Alina foi parte fundamental nas ações desenvolvidas pelo Partido na época de sua maior atuação e essas circunstâncias permearam profundamente a sua carreira literária, a sua vida e as suas obras. Nesse período, os comunistas de todo o mundo resolveram mudar os rumos das suas ações políticas. Perceberam que por meio da luta armada não iriam conseguir a tomada do poder, já que a grande maioria dos brasileiros não concordava com os ideais socialistas, nem com a instauração de um novo regime. Por isso, resolveram adotar os conselhos do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci. Ele se debruçou sobre a cultura capitalista/burguesa e sobre como intelectuais engajados por ela ajudavam a formar as mentes das pessoas para a perpetuação do capitalismo. Gramsci propôs a ocupação dos espaços sociais por agentes do partido engajados para, assim como os defensores do capitalismo, subverter as ideias “antigas/conservadoras”, desconstruí-las para a chegada das ideias socialistas. Para alcançar esse objetivo de reformulação do imaginário, eles se utilizariam de jornais, revistas, livros e todo tipo de expressão cultural.

De acordo com Gabriel Moura Silva (2022), o período entre 1945 e 1947 pode ser apontado como a “era de ouro” da cultura política comunista, “devido ao grande projeto de atração de intelectuais realizado pelo Partido, que resultou em sua estruturação interna, bem como no aumento da sua popularidade no imaginário da sociedade brasileira”¹⁶. Para Marcos Francisco Martins, ao analisar a obra de Gramsci, fica evidente a motivação da inserção e da cooptação de novos intelectuais às fileiras do partido.

[...] os intelectuais orgânicos às classes subalternas têm outra função, a *revolucionária*: formular, disseminar e consolidar na dinâmica da vida social uma visão de mundo que seja capaz de se tornar força social com potencial suficiente para promover concretamente a transformação radical do modo de vida [...] (grifos nossos) (MARTINS, 2010, p.10).

Assim como nos diz também o filósofo Olavo de Carvalho em seu livro *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*, de 2014:

Para a revolução gramsciana vale menos um orador, um agitador notório, do que um jornalista discreto que, sem tomar posição explícita, vá delicadamente mudando o teor do noticiário, ou do que um cineasta cujos filmes, sem qualquer mensagem política ostensiva, afeiçoem o público a um novo imaginário, gerador de um novo senso comum. [...] Sua atuação informal penetra fundo nas consciências, sem nenhum intuito político declarado, e deixa nelas as marcas de novos sentimentos, de novas

¹⁶ SILVA, Gabriel Moura. *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1994-1956)*. Dissertação (Pós-graduação em História) 236 f. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ): São João Del-Rei, 2022. p.65.

reações, de novas atitudes morais que, no momento propício, se integrarão harmoniosamente na hegemonia comunista (CARVALHO, 2014, p.64).

Seguindo as orientações gerais do Partido, Alina foi destaque em sua atuação pelo partido e por seus ideais. Participou, ao lado de intelectuais famosos de seu tempo, a exemplo do escritor Jorge Amado, de treinamentos comunistas em locais ermos e de difícil acesso, como nos conta o próprio Jorge Amado em seu livro autobiográfico *Navegação de Cabotagem*:

Na clandestinidade do Partido Comunista Brasileiro, nos idos de 1953, fomos colegas no Curso Stalin. De olhos vendados, várias horas de percurso, chegávamos ao local do curso clandestino, qualquer parte na zona rural, durava um mês de lições ditadas pelos dirigentes. Mas já estávamos os dois, René e eu, tomados pelas dúvidas e certas proposições dos professores nos deixavam arrepiados. A nós e a Alina Paim, também aluna, também invadida pelo desassossego (AMADO, 1992, p.248).

Como nos conta Jorge Amado, Alina participou de treinamentos como esse, afinal, era uma membra bastante ativa no Partido. Ele conta ainda do estranhamento de Alina a algumas ideias comunistas como o mito do menino que denunciou os pais, que logo foram assassinados pelo regime de Stalin. Ele conta:

Lembro-me como se houvesse acontecido ontem de uma aula sobre a revolução chinesa, a referência do conferencista a documento do pecê de Mao recomendando que os filhos denunciassem os pais, obrigação de militante: vencer os sentimentos burgueses de família, cumprir o dever revolucionário. Não se tratava de invenção maoísta, novidade: na URSS haviam levantado estátua a um menino que assim agira — espionara os pais e os denunciara, levava-os ao patíbulo, herói stalinista. O professor perora contra a moral burguesa. Sentado junto a mim na primeira fila, René me cutuca, no outro lado da sala o olhar aflito de Alina Paim, desarvorada. Lições que não conseguimos aprender, valores que não conseguimos aceitar, comunistas inconsequentes que já somos, incapazes de vencer as abusões, de abandonar sentimentos soezes de amor aos pais.

— Denunciar os pais... Preferia me matar. — Considera Alina na hora do recreio.

— Quelle connerie! — Cospe René, apaga o cuspe com o pé.

— Dose para elefante — digo eu.

Espavoridos, três maus alunos de marxismo-leninismo no Curso Stalin (AMADO, 1992, p. 249).

A nossa escritora tinha seus próprios motivos para participar do movimento comunista, ela, assim como vários outros intelectuais estavam preocupados com a situação social vivida por centenas de brasileiros. Miséria em vários estados e o completo afastamento de qualquer dignidade. Todavia, a ala marxista mais ortodoxa, com todos os seus *extremismos*, ao que parece, não era muito a área de interesse de Alina, com a sua vivência como professora de escolas públicas e que conheceu na prática o sofrimento de centenas de alunos e suas famílias.

Ainda em suas ações pelo Partido Comunista Brasileiro, Alina participou ativamente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), criada em 1943, o que demonstra o ordenamento intelectual do período. Inicialmente a Associação nasceu como um órgão de classe, apolítico e que englobava diversos autores das mais diferentes vertentes ideológicas e que visava a defesa

dos direitos profissionais dos escritores brasileiros. No entanto, em janeiro de 1945, foi realizado o I Congresso Brasileiro de Escritores, que se tornou palco para uma “operação” de tomada do poder da entidade, por parte dos comunistas.

Durante o evento, uma antiga problematização tomou fôlego no interior da instituição. Sobre a “função social” dos intelectuais diante do contexto político do país e do mundo, defendiam que o isolamento destes em suas “torres de marfim” era inaceitável. De acordo com Jorge Amado¹⁷, existiam dois grupos dentro da ABDE, os comunistas, da qual fazia parte Alina, e os “democratas”. Os primeiros favoráveis à intervenção pública dos intelectuais e os segundos receosos quanto a atuação política destes. Essa mesma dualidade ocorria de forma interna nas discussões do Partido. É evidente que a primeira vertente saiu vencedora, seguindo os ditames diretamente de Moscou, de Andrei Jdanov, Segundo Secretário do Partido Comunista da União Soviética e ferrenho defensor do *Realismo Socialista* e da função *orgânica* dos intelectuais.

Os comunistas ampliaram ainda mais a sua influência, chegando a ser homenageados numa solenidade pública presidida por Luís Carlos Prestes. O nome de Alina¹⁸ figura, ao lado de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Candido Portinari, Oscar Niemeyer, José Geraldo Vieira, entre os que foram elogiados por terem sido determinantes para a circulação de valores e ideias da cultura política comunista, “encontrando abrigo em periódicos, editoras e livros, e influenciando a produção artística e cultural em suas diversas expressões, desde o romance e poesia, até o cinema e televisão”¹⁹.

Ela também foi crucial por suas colaborações nos meios de comunicação do PCB. Culturalmente, ela contribuiu com contos literários e traduções de obras estrangeiras, como clássicos da literatura comunista escritos por Lenin e outros escritores proeminentes. Ela ainda escreveu artigos, participou de eventos (inclusive em Moscou, na Rússia), treinamentos, assinou protestos e manifestos. Atuou no espaço público ainda através dos seus discursos, performances e condutas. E, por incrível que pareça, ela ainda foi designada, em 1945, para a Comissão de Problemas da Força Expedicionária Brasileira (FEB)²⁰. Escreveu o artigo “A Mulher e a FEB”, para a revista *O Cruzeiro*²¹. No texto, ela exaltou o sucesso das tropas

¹⁷ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. pp. 19-20.

¹⁸ HOMENAGEM do Partido Comunista do Brasil aos seus escritores e artistas. In. *Tribuna Popular*, nº 281, Ano II, Rio de Janeiro, 21 de abr. 1945. pp. 01-02.

¹⁹ NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Apresentação*. In. NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 10.

²⁰ CONVENÇÃO Popular do Distrito Federal. In. *Diário de Notícias*, nº 6967, Ano XVI, Rio de Janeiro, 11 de jul. 1945. p. 04.

²¹ Fundada por Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, em novembro de 1928, *O Cruzeiro* foi uma das mais proeminentes revistas da história imprensa nacional. Um dos primeiros órgãos a integrar os Diários Associados,

expedicionárias brasileiras nas Batalhas de Monte Castelo e Castelnuovo e convocou as mulheres do país para receber os prazas no seu retorno ao Brasil²².

Alina escreveu também alguns artigos que evidenciam a sua visão do mundo e do movimento comunista, como o artigo “A Educação na Rússia”, para a revista *Leitura* em maio de 1945. Neste, a autora apresenta dados a respeito do projeto russo de erradicação do analfabetismo, iniciado após a Revolução Bolchevique de 1917. Ela destaca que, em 20 anos, a taxa de analfabetos caiu de 78% para 8% em todo o território da União Soviética, fruto de uma assistência oferecida pelo Estado, desde a gestação da criança até a sua formação no Ensino Superior. Paim diz que a finalidade principal da alfabetização é o “desenvolvimento de um indivíduo são, forte, independente no pensar e no agir, iniciado em muitos aspectos da cultura contemporânea, criador e lutador a serviço do proletariado e, portanto, em última análise, a serviço da humanidade inteira”²³. Logo, percebemos qual o enfoque Alina pretendia dar a suas ações e trabalhos no partido.

Com o fim da Era Vargas e a eleição de Eurico Gaspar Dutra, ainda em 1945, o PCB foi posto novamente na ilegalidade, em 1947. O cancelamento do registro do PCB, o processo para cassar o mandato de seus parlamentares e a operação conhecida como “Plano Lira”, que ainda em 1946, contou com a prisão de 216 militantes, mesmo com o partido na legalidade, “constituíram-se na *questão extraliterária* que *acirrou os nervos* e começou a corroer os laços que uniam escritores de diferentes tendências no interior da ABDE”²⁴. É nesse contexto em que acontece o II Congresso Brasileiro de Escritores, de 12 a 16 de outubro de 1947, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Durante o período de ilegalidade do Partido e toda a “visão anticomunista” de seus membros que ainda atuavam nos meios de comunicação, os comunistas precisavam ter o domínio e o prestígio de entidades já conhecidas e respeitadas pelo público em geral, para que pudessem fugir dos estereótipos que os circulavam. “A militância intelectual comunista passou a expandir suas áreas de ação em outras entidades e a ABDE foi o seu principal palco de

pioneiro grupo de comunicação no Brasil, na década de 1940, a revista passou pelo seu auge editorial, tendo como colaboradores nomes como Millôr Fernandes, Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, dentre outros intelectuais desse período. Ademais, a revista atuou substancialmente na divulgação de informações em combate ao nazifascismo e contra o autoritarismo e censura estadonivista. *O Cruzeiro* saiu oficialmente de circulação em 1985. Cf. BRASIL, Bruno. *O Cruzeiro*. In. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

²² PAIM, Alina. *A Mulher e a FEB*. In. *O Cruzeiro*, ano VII, nº 48, Rio de Janeiro, 22 de set. 1945. pp. 03 e 16.

²³ PAIM, Alina. *A Educação na Rússia*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 29, Rio de Janeiro, maio 1945. p. 47.

²⁴ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 139

manobras políticas”²⁵. No já citado Congresso, as pautas seriam: “Direitos autorais; Intercâmbio cultural; O escritor e a luta pela paz; O escritor e a defesa da democracia; A difusão do livro e a situação econômica do país; O livro didático; Teatro, rádio, imprensa e cinema; Problemas de arte literária”²⁶.

Porém, os comunistas estavam preocupados em apenas garantir o apoio de uma entidade prestigiada, como a ABDE, num momento delicado para o Partido. Então, decidiram atropelar a Comissão de Assuntos Políticos e encaminharam ao plenário uma moção contra o projeto de lei de segurança nacional que fechou o Partido e cassou os mandatos dos parlamentares comunistas. Como protesto, os membros do PCB e que faziam parte da comissão renunciaram em bloco, o que exigiu negociações para retornar ao evento. Carlos Drummond de Andrade, que preferia o caráter apolítico da ABDE, descreveu a atuação dos comunistas:

A aprovação pura e simples de atitudes não consideradas antes pelo órgão competente, e que importavam em unilateralidade de ponto de vista, anulando todo o trabalho de preparação para que o Congresso não se tornasse órgão de um partido, levando a reboque os escritores que, amando a liberdade, a ele não se subordinavam, criou uma situação insustentável (ANDRADE, 1985, p.84).

A luta doutrinária entre o espírito democrático e o espírito sectário prosseguia no mesmo ponto, exacerbada talvez sob os arranjos de ocasião. Nenhum de nós queria impedir o direito de os comunistas se manterem organizados em Partido e exercendo atividade política renovadora. Mas eles pouco entendiam nosso ponto de vista, se é que, entendendo-o, preferissem fingir o contrário. A ideia de uma associação de escritores livres, sem direção sectária, parece inconcebível para eles, que, em vez de convivência pacífica, preferem assumir o domínio pleno da agremiação (ANDRADE, 1985, p.88)

E como poderiam deixar de querer o domínio pleno, se eles enxergavam justamente essa medida como importante para a tomada de espaços e, conseqüentemente, para a proliferação do *realismo socialista* em todos os meios de produção de cultura, tornando a associação *coletiva*, nos termos de Gramsci. “A direção do ‘pecê’ estava decidida a lograr o comando da ABDE, ainda que tal medida acarretasse a divisão dos escritores brasileiros”²⁷. De fato, as tensões ocorridas no Congresso foram fundamentais para a alteração dos rumos da instituição. Após a votação por uma nova diretoria, em 26 de março de 1949, a chapa liberal venceu a chapa dos comunistas, com 478 votos a 378. Resultado que foi muito fortemente discutido.

²⁵ SILVA, Gabriel Moura. *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1994-1956)*. Dissertação (Pós-graduação em História) 236 f. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ): São João Del-Rei, 2022. p. 78

²⁶ ESCRITORES de todo o Brasil rumo a Belo Horizonte onde se inaugura amanhã seu Segundo Congresso. In. *Diário Carioca*, Ano XX, nº 5918, Rio de Janeiro, 11 de out. 1947. p. 03

²⁷ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.326

Em 7 de abril, no dia em que a nova mesa diretora tomaria posse, os comunistas foram direcionados pelo Partido a tomar, de forma dura se fosse preciso, o domínio da ABDE. Segundo Dênis de Moraes, Dalcídio Jurandir, Astrojildo Pereira, Alina Paim, Milton Pedrosa e Graciliano Ramos, mobilizaram-se de modo a tomar o livro de atas da entidade para que o documento de posse não pudesse ser assinado. Alina percebeu que o escritor Afonso Arinos estava armado no salão, ela o agrediu diversas vezes a golpes de guarda-chuva²⁸. Dessa forma, e após toda a discussão gerada, de 1949 até 1958, a ABDE é tomada e ocupada²⁹ pela intelectualidade comunista, transformando-a em uma extensão cultural e política do PCB. É nesse contexto em que a associação torna-se o núcleo de produção e de disseminação do *Realismo Socialista* no país.

2. O REALISMO SOCIALISTA

Escrevei obras de grande perfeição e de conteúdo ideológico e artístico elevado! Sede os organizadores mais ativos da reeducação da consciência dos povos no espírito do socialismo! Formai nas primeiras fileiras dos combatentes pela sociedade sem classes. (ZHDANOV, 1950, p.5)

O realismo socialista, foi uma corrente estética e ideológica que emergiu no início do século XX e desempenhou um papel significativo nas artes visuais, na literatura e na cultura em geral, principalmente nos países em regimes socialistas ou países fortemente influenciados por esses, durante o período de pós-Revolução Russa. Esse movimento artístico e literário foi concebido como uma expressão cultural do ideal socialista, pois buscou promover a visão do Estado como promotor máximo e final da igualdade e da justiça social por meio das artes. No contexto específico do pós-Segunda Guerra Mundial, o realismo socialista floresceu como um instrumento de propaganda ideológica nos países do Bloco Soviético. Influenciou diretamente a produção artística e literária nesses países e no Brasil não foi diferente.

O termo, proposto inicialmente pelo escritor Máximo Gorki, aparece pela primeira vez no I Congresso de Escritores Soviéticos, em 1934, onde os escritores comunistas de todo o mundo foram convidados para transformar as suas produções culturais em ferramentas (ou armas, caso prefira o tom belicoso) para a “conscientização” das massas em direção aos ideais revolucionários. A citação que inicia este capítulo é parte do discurso de Andrei Zhdanov (ou

²⁸ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.246

²⁹ SILVA, Gabriel Moura. *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1994-1956)*. Dissertação (Pós-graduação em História) 236 f. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ): São João Del-Rei, 2022. p. 81

Jdanov), braço direito de Josef Stalin na área cultural, no já referido evento de escritores, ela tornou-se a regra principal de atuação dos artistas e intelectuais entre as décadas de 1930 e 1950. Toda a produção cultural soviética e as dos outros países que a acompanhavam deveriam ter um compromisso com a formação das massas para o socialismo.

Ademais, nesse mesmo Congresso, Zhdanov esclarece o conceito do *Realismo Socialista*:

Em primeiro lugar, [ser um engenheiro das almas] significa conhecer a vida a ponto de descrevê-la verdadeiramente nas obras de arte. Descrevê-la, no entanto, não de maneira escolástica e morta, não apenas como “realidade objetiva”, mas descrever a realidade em seus desenvolvimentos revolucionários. Conjugada à veracidade e concretude histórica do retrato artístico deve-se encontrar o esforço didático de modelar ideologicamente os trabalhadores no espírito do socialismo. Tal método nas belas letras e na crítica literária é o que chamamos do método do realismo socialista (JDANOV, 1934).

Nas palavras de Aleksandr Gerasimov, membro da Associação de Artistas da Rússia Revolucionária, “o estilo é ‘realista na forma’ e ‘socialista no conteúdo’, quer dizer, a obra de arte deve ser acessível ao povo – figurativa e descritiva – e sua mensagem, um instrumento de propaganda do regime”³⁰. Para Trotsky, em seu *Literatura e Revolução*, de 1923, ainda não existia uma arte que fosse revolucionária verdadeiramente. Ele dizia que haviam sinais e tentativas para ela, mas ainda lhe faltava algo, o *homem revolucionário completo*, com uma vivência e mente completamente formadas já num novo ambiente comunista, portanto, pós-revolução, sem qualquer interferência das artes clássicas ou estilos já vistos. Para o comunista, o que existia ainda era a arte *Proletkult*, ou a arte da revolução, que trazia consigo contradições de um período ainda em transição (TROTSKY, 2007, p.164-165).

Para azar de Trotsky, Stalin dominou – inclusive exilando e depois assassinando Trotsky - a URSS e determinou que todos os países e Partidos sob sua influência deveriam contatar e preparar os seus intelectuais para a “modelar ideologicamente os trabalhadores no espírito do socialismo”, como já dito por Jdanov.

Esse discurso, tido como documento inaugural do realismo socialista, conhecido também por *jdanovismo*, modificou as ações da intelectualidade da Internacional Comunista. Definiu os rumos das manifestações culturais e artísticas da militância comunista em todo o globo. No Brasil, encontrou um cenário fértil para seu florescimento, já que os escritores encontraram uma certa correspondência entre o modelo estético russo e os romances sociais brasileiros produzidos a partir da década de 30. Para Antônio Cândido:

³⁰ REALISMO Socialista. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo403/realismo-socialista>. Acesso em: 06 de dezembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.

[...] à surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período (CÂNDIDO, 1984, p.28).

Logo, entendemos que houve uma mudança de paradigmas na produção literária nacional após a década de 30. Agora os artistas e intelectuais ganharam também uma nova concepção, a de “opositores da ordem estabelecida”³¹. Os romances deveriam retratar as condições sociais e políticas do povo brasileiro, deveriam ser o instrumento de tomada de consciência da classe da trabalhadora e mais pobre para a única solução para esses problemas: a revolução socialista.

Dênis de Moraes fixou os movimentos de ascensão e de declínio do realismo socialista como um paradigma cultural no Brasil, de forma rígida, entre os anos de 1947 a 1953³². No início da década de 40 o realismo socialista, ou jdanovismo, ainda chegava – como sugestão e não como padrão - aos círculos intelectuais do PCB, como mostrado por Dênis os primeiros indícios em 1945 com a *heroificação* de Prestes. Antônio Rubim³³ afirmou, em sua tese de doutorado, que apenas em 1950, o Partido convocou uma reunião entre os dirigentes e intelectuais com o objetivo de aprovar e de determinar a nova linha político-cultural do partido nas produções artísticas. Com base nos textos de Jdanov, Diógenes Arruda, segundo na liderança do partido, definiu a criação de uma nova cultura, baseada no realismo socialista, que deveria ser estimulada e desenvolvida no Brasil.

Em artigo na Revista *Horizonte*, importante meio de propagação das ideias socialistas da época, alguns pontos a respeito da “nova doutrina cultural” foram elencados na tarefa da “transformação ideológica e da educação dos trabalhadores no *espírito do socialismo*”.

- 1 – Literatura e arte de partido: não existia, nem nunca havia existido, arte e literatura sem partido, pois ele orientava o sentido da criação, escolhendo e fixando heróis e temas representativos da luta de então.
- 2 – Ideias elevadas: eram as ideias de vanguarda da classe operária, de revolução e da criação da sociedade comunista;
- 3 – Romantismo revolucionário: É sonho com os pés na terra;
- 4 – Humanismo: capacidade de valorizar e desenvolver as qualidades do homem;
- 5 – Caráter popular: produzir uma arte e uma literatura cujo interesse principal fosse a classe operária, os camponeses e as massas populares;
- 6 – Luta do novo contra o velho;

³¹ CANDIDO, Antônio. *A revolução de 30 e a cultura*. Novos Estudos Cebrap, n.2, p.27-36. São Paulo, 1984, pg. 34.

³² MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, pg.16

³³ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986, p. 343-344

7 – Forma nacional: desenvolver os elementos nacionais da cultura que se manifestavam na língua, nos costumes e nos demais aspectos da vida brasileira³⁴.

Ainda nessa mesma edição da Revista, numa extensa matéria escrita por diversos nomes de escritores e artistas, um trecho de um informe oficial enviado por Georgy Malenkov, que assumiu o controle da União Soviética por um curto período após a morte de Stalin, para o XIX Congresso do PCUS, realizado em 1952 e que abordava o tema da arte e da literatura do ponto de vista marxista-leninista. De acordo com ele, os escritores precisavam assumir a sua função de trabalhadores que trabalhavam pela construção do socialismo. Segundo ele os artistas deveriam:

[...] mostrar nos personagens positivos homens de tipo novo, em todo o esplendor de sua dignidade humana, as contradições e os conflitos da vida, saber usar a arma da crítica como um meio de educação eficaz, ressaltar as elevadas qualidades morais e os traços típicos positivos do homem simples, criar sua brilhante imagem artística digna de exemplo e de ser imitada pelas demais artes³⁵.

Como já dito, a produção artística e literária no Brasil já possuía alguns desses atributos incentivados pela direção internacional dos comunistas. É fácil entender o porquê de o realismo socialista ter encontrado solo fértil aqui no Brasil, como já dito, pois os romances e produções artísticas do período já demonstravam características bem próximas daquelas orientadas pelo jdanovismo.

Como bem diz o linguista e filósofo francês Tzvetan Todorov, em seu livro *A literatura em perigo*, uma das principais características do realismo socialista é essa “manutenção de uma relação de força com a realidade circundante”, ou seja, a observação e a análise crítica dos autores que devem ser transmitidas para as obras. Essa realidade não pode ser retratada apenas de forma crua, mas ideologicamente teleguiada, como uma “submissão imposta”. Observe o que o autor diz:

O realismo socialista, a arte do “povo” e a literatura de propaganda ideológica exigem a manutenção de uma relação de força com a realidade circundante e, sobretudo, também impõem a submissão aos objetivos políticos do momento, o que se mostra diametralmente oposto a toda proclamação de autonomia artística e a toda procura solitária do belo (TODOROV, 2020, p.69-70).

2.1 Os intelectuais engajados e sua função no Realismo Socialista

Para o intelectual honesto e patriota não é admissível qualquer distinção ou desligamento entre a sua atividade cultural e a sua atuação política, pois ele sabe que uma e outra devem se harmonizar e completar no sentido de torná-lo capaz de viver,

³⁴ O Método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, ano III, n.3, Novembro – Dezembro. 1953, p. 70-73

³⁵ O Método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, ano III, n.3, Novembro – Dezembro. 1953, p. 70-73

sentir e interpretar com fidelidade as experiências e as aspirações de seu povo. Êle não pode admitir também o "apoliticismo" preconizado pelos traidores e oportunistas, pois sabe que êsse tão decantado "apoliticismo" é apenas um ridículo biombo a encobrir a constante e eficiente atuação dos intelectuais "apolíticos" ao lado das forças mais reacionárias e antipatrióticas (NEVES, 1950, p.4).

Essa citação foi extraída de uma matéria da Revista Fundamentos, de 1950, escrita por Artur Neves, sobre os acontecimentos do II Congresso Brasileiro de Escritores, mostra-nos qual o clima que envolvia as relações sociais entre os escritores e intelectuais do período. O autor critica os escritores “apolíticos”, chama-os de “traidores e oportunistas”. Os intelectuais que não aceitassem produzir cultura engajada eram tidos, pelos outros, como traidores da pátria, pois defendiam a manutenção do regime e não trabalhavam diretamente pela revolução socialista ou a “libertação nacional”, como carinhosamente apelidaram.

A algumas linhas atrás, falei um pouco sobre a teoria do *intelectual orgânico* de Antônio Gramsci, figura principal nas ideias de construção de uma *Intelligenza*, um time de estudiosos, escritores, artistas, músicos, jornalistas e todos quantos fizerem parte, de alguma forma, das estruturas de poder, tanto o cultural, quanto o político, o militar e o econômico (até no religioso, como no caso da *Teologia da Libertação*, que surge na década de 60, que não é assunto para agora).

Outro Antônio, só que o Cândido, em seu famoso artigo *A revolução de 1930 e a cultura*, de 1980, ao falar sobre a crescente onda de “adequação” dos intelectuais do período às ideias em voga em Moscou e nos países que estavam sob a égide da URSS, falou de como alguns deles, por mais que não se identificassem como comunistas, adotavam uma “posição crítica” em relação à “mentalidade conservadora³⁶”, capitalista e, por sua vez, reacionária.

Esses intelectuais, por mais que defendessem as mesmas ideias ou parecidas, por terem sido convidados a prestar serviço para o Estado, sofreram perseguições iniciais dos membros do Partido. Para estes, aqueles eram traidores da pátria porque defendiam a permanência do atual modelo de governo. Cândido faz, ao mesmo tempo em que defende seus amigos e até a si próprio, uma importante observação sobre a ideia gramsciana da ocupação de espaços por intelectuais orgânicos:

[...] o serviço público não significou e não significa necessariamente identificação com as ideologias e interesses dominantes. E que uma análise mais completa mostra como o artista e o escritor aparentemente cooptados são capazes, pela própria natureza da atividade, de desenvolver antagonismos objetivos, não meramente subjetivos, com relação à ordem estabelecida. A sua margem de oposição vem da elasticidade maior ou menor do sistema dominante, que os pode tolerar sem que eles deixem com isto de exercer a sua função corrosiva (CÂNDIDO, 1980, p.35).

³⁶ CÂNDIDO, Antônio. A revolução de 30 e a cultura. *Novos Estudos*. Cebrap, n.2, p.27-36. São Paulo, 1984, p.34

Cândido, por mais que tenha servido ao Partido, ao qual foi filiado, sofreu muitas críticas por acreditar, no início, que os artistas deveriam deixar a arte fora do escopo revolucionário, o que lhe rendeu inimigos e xingamentos. Nessa citação, ele deixa claro que mesmo o intelectual “empregado” no governo pode, pela própria condição da sua função, fazer o seu trabalho de corroer o sistema por dentro, de propagar as ideias revolucionárias e minuar o poder do atual modelo de Estado desde dentro. Essa é, exatamente, a ideia do filósofo italiano Antonio Gramsci³⁷, do qual falei antes.

Gramsci contribuiu no processo de elaboração de um conceito de intelectual, ele o fez por meio de uma perspectiva classista (assim como Marx que diferenciava “trabalho concreto”, que gera valor e uso, do “trabalho abstrato”, aqui os produtores de cultura inseridos). O filósofo italiano identificou o trabalho intelectual como também um espaço em que se desenvolve a disputa pela hegemonia, ou controle absoluto do Estado e dos seus meios de manifestar poder. Ele tratou desse assunto de forma original ainda na primeira metade do século XX, o que o consolidou como referência na questão até os dias atuais.

Ele escreveu sobre os intelectuais no seu *Caderno 12*. Falou sobre a importância das escolas na reprodução da visão de mundo da sociedade burguesa e sobre a formação dos intelectuais. Estes, por conseguinte, são “os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político” (GRAMSCI, 2000, p.21). Claro fica a que resolução chegou Gramsci, de que a classe intelectual, em suas funções subalternas em relação aos dirigentes, dá sustentação social e cultural ao regime. Ele os chama de “persuasores permanentes”³⁸.

(o capitalismo) imprimiu sérios obstáculos ao processo revolucionário, porque nele as classes subalternas comportavam-se como tal não apenas porque eram obrigadas pela força dos aparelhos jurídicos, políticos e repressivos do Estado – sociedade política – mas também porque estavam convencidas a assim agirem de forma subalterna graças à visão de mundo por elas partilhada, e que foi produzida e difundida pela burguesia, pelos seus intelectuais orgânicos e pelos aparelhos privados e públicos de que dispunham para produzir consensos sociais (MARTINS, 2010, p.7).

Para Gramsci, a burguesia mantinha o seu poder de forma repressiva de várias formas. Os intelectuais orgânicos reproduziam os ideais da burguesia por meio da produção cultural, mantendo, dessa forma, as pessoas presas em sua “condição de alienação”. Concordando com

³⁷ Antonio Gramsci (1891-1937) foi um teórico político, filósofo e líder comunista italiano, cujas ideias tiveram uma grande influência no campo da teoria social, política e cultural. Sua contribuição mais significativa foi o desenvolvimento do conceito de “hegemonia” e sua análise crítica sobre a cultura e a sociedade.

³⁸ GRAMSCI, A. *Escritos políticos*, v.2. Org. e trad. de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 53.

Marx e Engels de que “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes [...] a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 1984, p. 56).

Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função de intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. Uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2000, p. 18-19).

Trata-se, no caso, de um “fogo contra fogo”, na batalha pelas mentes. Por isso, os intelectuais orgânicos ao proletariado teriam a função organizar (guiar ideológica e culturalmente) as classes subalternas para o processo de luta pela libertação das condições de exploradas economicamente e dirigidas culturalmente. Exigiria a criação de um novo “bloco histórico”, orientado pelos interesses e pelas necessidades das classes dominadas e dirigidas. Eles deveriam fazer uma reforma moral e intelectual no proletariado, nas massas.

Escritores eram particularmente vigiados. Aqueles que seguiam a linha partidária eram prestigiados e inclusive tinham direito a várias mordomias – clássica era a datcha, a casa de campo, onde, esperava-se, eles escreveriam obras-primas, que, no Brasil, eram publicadas na coleção “Romances do Povo”. Nosso grande expoente na literatura engajada foi Jorge Amado, em sua primeira fase, e é de se imaginar a dificuldade que tinha de submeter seu talento e seu temperamento baiano às rígidas diretrizes (SCLIAR, 2007)³⁹.

Alina Paim entra na história ocupando a função de uma intelectual coletiva aos moldes gramscianos. O seu livro *A Hora Próxima*, foi lançado como o 11º volume da *Coleção Romances do Povo*, dirigida por Jorge Amado, no dia 5 de maio de 1955⁴⁰. A obra citada trata de uma greve de ferroviários que aconteceu no sudeste do Brasil em 1949, que contou ainda com significativa participação de várias mulheres. Alina foi enviada pelo Partido para entrevistar, acompanhar e depois produzir uma obra a respeito, o que lhe rendeu também um decreto de prisão preventiva por um magistrado local. Após várias defesas feitas por vários escritores brasileiros influentes à época, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros, a decisão foi revogada. Mas, para nós, o que fica evidente é que a autora teve grande participação

³⁹ SCLIAR, Moacyr. *Realismo Socialista*. Distrito Federal: Correio Braziliense, 2007. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/realismo-socialista>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

⁴⁰ LITERATURA: A Hora Próxima. In: *Imprensa Popular*, ano VIII, nº 1488. Rio de Janeiro: 23 de abr. 1955. p. 04

na difusão do realismo socialista no Brasil, como ela mesmo diz em entrevista concedida à *Imprensa Popular*, em 1954:

(...) procurando captar na ação, nos caracteres, no estilo a humanidade exuberante do povo brasileiro, no que ele tem de mais novo e poderoso, o impulso e o crescimento do movimento operário. A greve da Rede Mineira de Viação é o centro do romance. E por ser assim um tema da vida proletária, é que presumo filiar meu romance na corrente do realismo socialista⁴¹.

Alina foi intimamente ligada aos métodos e ideias de sua época. Como já dito, as realidades testemunhadas pela escritora a motivaram à escrita, mas os ideais e as influências intelectuais a forneceram oportunidades de escrita e de publicação. Logo, para ela foi muito fácil, enquanto uma das mais atuantes militantes comunistas de sua época, adequar-se ao novo estilo jdanovista em voga. Em entrevista ao jornalista Gilfrancisco, Alina diz que o seu *A Hora Próxima* não faz parte do *realismo crítico*.

33. O princípio fundamental do realismo socialista é a captação da realidade com a visão partidária, objetivando uma tomada de posição explícita a favor da construção do socialismo. Podemos dizer que sua obra ou parte dela faz parte do chamado realismo socialista?

A.P. – Minha obra faz parte do realismo crítico, o livro da greve, esplendoroso, é um livro classista, uma reivindicação por melhores salários. (GILFRANCISCO, 2008, p.38)

O mais interessante é que, nessa mesma entrevista, na pergunta 39, Alina se contradiz ao dizer que: “A tônica da minha ficção era o realismo, mas não era o realismo crítico e sim o realismo socialista”. O que percebemos é que Alina, assim como todos os outros escritores do seu período, não admitiam de forma clara a participação dos seus escritos na obra de “transformação de consciências”, era algo visto como pejorativo para a época. Na pergunta 31, dessa mesma entrevista concedida em 2007 ao jornalista Gilfrancisco, ela diz assim:

31. A condição de militante no intelectual empobrece sua capacidade criadora?

A.P. – A condição de militante não empobrece minha capacidade criadora, pois não quis modificar a realidade para encaixar idéias e ficar forte, fazer propaganda (GILFRANCISCO, 2008, p.38).

A aparente contradição mostra apenas que os intelectuais da época dela sofriam certo tipo de preconceito por produzirem arte de “propaganda” do partido, com personagens, ambientes e simbolismos próprios das revoluções socialistas que se espalhavam pelo mundo. Além disso, do preconceito entre os escritores, havia também o risco de prisão para membros do partido e para artistas que reproduziam os ideais socialistas em suas obras.

⁴¹ MEIRA, Mauritoni. Alina Paim (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: Última Hora, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de set. 1954. pp. 13-14

O preconceito em relação aos escritores/intelectuais engajados se dava, também, por haver, entre eles, grupos separados para produzir artigos e matérias em jornais e revistas elogiando uns aos outros, imprimindo a eles próprios elogios e indicações. Utilizavam-se de meios de prestígio, como a ABDE, criavam prêmios para serem entregues entre eles e todo tipo de pompa para que os escritores comunistas alcançassem altos níveis na crítica e pudessem ser muito mais “positivos” em relação ao povo incauto. A esse respeito a autora Marisângela Martins nos diz que:

O trabalho realizado pelos comunistas nesse âmbito, não se fundamentava na qualidade artística ou estética da obra dos autores escolhidos, mas na postura progressista desses literatos diante dos problemas de seu tempo, em seu engajamento nas lutas político-sociais de sua época e em sua ligação com o povo (MARTINS, 2012, p. 186).

Agora fica mais fácil entender o porquê das ações de “ocupação de espaços”: tornar a luta revolucionária legítima aos olhos e às mentes do povo brasileiro, ainda relutante a respeito de Moscou e de sua revolução comunista. Círculos de intelectuais que não levavam em consideração as capacidades artísticas ou intelectuais dos seus membros, mas o nível de seu comprometimento com a causa. Isso gerou outro problema, a marginalização de bons autores e artistas que não faziam parte do “círculo iluminado”. Como disse a escritora Lídia Moschetti em jantar de escritoras narrado por Justino Martins:

Depois, existem as panelinhas literárias. A da Globo é a pior de todas. Uma rasgação de seda cretiníssima. Uns elogiam os outros. E todos se fecham para os demais. Reynaldo Moura é um escritor monótono. Mário Quintana é um poeta mais ou menos. Darcy Azambuja, sim, é um escritor de mão cheia. Mas esse Athos Damasceno Ferreira é uma negação. Todos fechados... Todos se elogiando!⁴²

Esses círculos de elogios recíprocos funcionavam como elos em uma cadeia consagrada de “bons e maus” escritores. Eles, não por critérios técnicos ou artísticos, consolidavam um determinado padrão estilístico e fechavam o “mercado” em torno daqueles ideais e estilos dos que compunham esses “círculos de amigos”. Alina foi amplamente beneficiada por esses círculos, com prêmios literários, traduções de seus livros para vários idiomas, viagens de representação a Moscou, artigos e mais artigos elogiando criticamente as suas obras e, ainda, cargos no governo durante sua vida.

3. FEMINISMO: UM BREVE RESUMO E A SUA INFLUÊNCIA NAS DÉCADAS DE 40-50

⁴² Um jantar com as imortais. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.345, 14/08/1943, p.42-43.

O século XX testemunhou transformações socioculturais significativas, impulsionadas por movimentos revolucionários – em vários países europeus e da América do Sul - que buscavam redefinir as estruturas tradicionais de poder e desafiar normas sociais estabelecidas. No epicentro desse panorama de mudanças, o feminismo emergiu como uma força motriz, demandando equidade de gênero e questionando as limitações impostas às mulheres ao longo da história. Na década de 40 e 50, o movimento feminista ganhou notoriedade, influenciando de maneira marcante as perspectivas literárias, artísticas e culturais como um todo.

No contexto brasileiro, a década de 40 foi marcada por transformações políticas e sociais, como já vimos. O conflito cultural entre o Estado Novo de Getúlio Vargas e o Partido Comunista trouxe consigo políticas de cunho nacionalista e rígida ordem social, para o primeiro, e ações que queriam mudar todo o cenário, para o segundo. Nesse período, o feminismo brasileiro ganhou espaço, ao buscar não apenas a conquista de direitos políticos, mas também a reconfiguração das narrativas sobre o papel da mulher na sociedade. A década de 50, por sua vez, assistiu ao florescimento de movimentos culturais que desafiavam as normas tradicionais.

De forma bastante resumida, abordarei as principais ideias feministas desde a precursora do *profeminismo*, Mary Wollstonecraft (1759-1797), passando pela primeira e segunda fase do movimento, além das suas relações com a cultura socialista que vigorava no período das décadas de 40-50, época de maior atuação de Alina. Assim como as relações sociais entre as mulheres comunistas e as feministas e, nos próximos capítulos, investigaremos como esses ideais feministas se entrelaçam com o realismo socialista e o papel da mulher na arte, à luz de obras como *A Estrada da Liberdade* e *A Sombra do Patriarca*.

3.1 Do profeminismo à terceira onda: um breve resumo

Na luta pelos direitos da mulher, meu principal argumento baseia-se neste simples princípio: se a mulher não for preparada pela educação para se tornar a companheira do homem, ela interromperá o progresso do conhecimento e da virtude; pois a verdade deve ser comum a todos ou será ineficaz no que diz respeito a sua influência na conduta geral. Como se pode esperar de uma mulher que ela colabore, se ela nem ao menos sabe por que deve ser virtuosa? A não ser que a liberdade fortaleça sua razão, até que ela compreenda seu dever e veja de que maneira [ele] está associado ao seu bem real. Se as crianças têm de ser educadas para entender o verdadeiro princípio do patriotismo, suas mães devem ser patriotas (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 18)

Para muitos estudiosos do feminismo, o movimento propriamente dito “oficial” tem seu início no século XIX⁴³, quando em 1848 Elizabeth Stanton e Lucretia Mott começaram a realizar algumas reuniões com pautas feministas, como o voto feminino e o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Mas, é interessante lembrarmos de que antes da Primeira Onda feminista, houve o *protofeminismo*, inaugurado pela publicação do livro *Reivindicação dos direitos da mulher*, da inglesa Mary Wollstonecraft, em 1792.

Mary visitou a França durante a Revolução Francesa (defendida por muitas teóricas feministas como a matriz de suas ideias, como Kate Millet e Simone de Beauvoir), leu as principais obras de Edmund Burke, conhecido detrator da Revolução de 1789, e tentou refutá-las. Defendendo os ideais do Iluminismo, da Revolução Gloriosa (1688 na Inglaterra) e da Independência Americana (1776, mas só reconhecida em 1783 pelos ingleses).

Nessa obra embrionária do movimento feminista, Mary argumenta que as mulheres não são intelectualmente inferiores aos homens, mas falta-lhes uma educação adequada, o que as libertaria do estado de submissão. Ela defende que a educação é fundamental para a emancipação feminina e clama por oportunidades educacionais iguais para homens e mulheres. Além da educação, criticou a visão estereotipada da mulher como um ser frágil, defendeu uma participação mais ativa da mulher na sociedade e, por fim, sobre as disputas jurídicas que envolviam os direitos das mulheres. Numa das citações ela diz:

De fato, me parece que os homens agem de maneira muito pouco filosófica quando tentam assegurar a conduta das mulheres, tratando de mantê-las sempre em um estado infantil [...]. Porque, se admitirmos que as mulheres foram destinadas pela Providência a obter virtudes humanas e, pelo exercício do entendimento, podem chegar àquela estabilidade de caráter que é base sólida para nossas esperanças futuras, a elas deve ser permitido voltarem-se para a fonte de luz (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 40).

Segundo Mary, essa inferioridade intelectual associada às mulheres era parte da visão que os homens possuíam a respeito do corpo feminino e a sua beleza, pra eles, os únicos atrativos das mulheres. Ela brigava por mais educação e respeito às mulheres, para que elas pudessem também ajudar na sociedade. Suas ideias influenciaram vários outros movimentos menores até a chegada da Primeira Onda Feminista, em 1848.

Em 1848, aconteceu o marco inicial do movimento. Elizabeth Stanton e Lucretia Mott realizaram a Convenção de Seneca Falls com a apresentação da “Declaração de Sentimentos”, feita a partir da Declaração de Independência dos Estados Unidos, que exigia igualdade de direitos para as mulheres e, dentre eles, o direito ao voto. Ocorreram ainda várias campanhas

⁴³ CREVELD, Martin Van. *Sexo privilegiado: o fim do mito da fragilidade feminina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

por todo o país na defesa do sufrágio feminino, que resultou na conquista do voto nos EUA e em várias outras nações durante o final do século XIX e início do século XX. Além disso, os direitos de propriedade, de herança e de trabalho também eram pautas feministas do momento.

A Segunda Onda Feminista, que iniciou na década de 1960 e que se estendeu até a década de 1980, focou em uma gama mais ampla de questões, além dos direitos de voto e das questões legais, como a igualdade trabalhista, questões reprodutivas (aborto e outras questões ligadas à revolução sexual), a luta contra a discriminação de gênero e a busca por igualdade em todos os aspectos da vida. A segunda onda surge junto à revolução sexual e os protestos estudantis que despontaram em vários países do globo. Influenciada por autoras como Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Kate Millet, Germaine Greer e Shulamith Firestone.

Há ainda uma terceira onda do movimento, mas, para focarmos melhor no período de influência em que Alina atuou, deteremo-nos nas duas primeiras ondas. Aliás, é importante notar que, assim como qualquer grande movimento cultural, ele é sentido bem antes pelos intelectuais. É o *zeitgeist*, ou o espírito da época, conceito alemão popularizado pelo filósofo Friedrich Hegel. Dessa forma, Alina já defendia ideias em seus livros, como veremos mais adiante, que só foram esquematizadas por Simone de Beauvoir em 1949, com a publicação do “Segundo Sexo”, uma das mais importantes obras do movimento feminista.

4. A ESTRADA DA LIBERDADE – O ROMANCE DE FORMAÇÃO

Foi o seu primeiro romance, aquele que foi lido inicialmente por Graciliano Ramos, o *A Estrada da Liberdade*, publicado em 1944 pela Editora Leitura, situada no Rio de Janeiro. Nele, Alina narra, em terceira pessoa, a história da jovem Marina que, ao concluir o magistério, passa a lecionar no mesmo colégio de freiras em que estudou e, ao mesmo tempo, em uma escola pública na periferia de Salvador. O romance tem como tema central a educação como libertadora. A autora, de forma transversal, aborda questões políticas, sociais e econômicas, como a educação “alienante” feita nos colégios e instituições ligadas à Igreja, que não prepara para a realidade do mundo exterior ao convento; a precariedade física das escolas públicas e a negligência gritante do Estado para com a educação; a baixa remuneração que é paga aos educadores; e outras situações que demonstram, naquele cenário, a realidade de centenas de crianças em todo o país, como: discriminação racial, relações homoafetivas e os mais variados tipos de violências. Além desses pontos, a autora também trabalha o controle da educação para manutenção do poder, ideais feministas a respeito do casamento e, por fim, a luta proletária e a

esperança da revolução. O que rende à obra, numa das primeiras críticas recebidas a pecha de “romance proletário”:

Em certas passagens, lembra os mais medíocres dos nossos romances chamados proletários. Não falta mesmo a pornografia, a ingênua preocupação em santificar o que julga sejam os revolucionários para vingar-se do mundo, posto o trágico retrato que levanta das Irmãs educadoras. Sente-se perfeitamente, no fundo do livro e da sua tese, a paixão política que cega, que transforma mesmo em lírico sentimentalismo o que poderia ser expressiva naturalidade (FILHO, 1945, p.3)

Adonias Filho, intelectual de direita, católico, anticomunista e com forte ligação ao integralismo brasileiro. Foi um dos primeiros a criticar de forma dura o romance de Alina com base nas acusações de pornográfico e maniqueísta. O que deixa ainda mais evidente a leitura dos pontos que abordamos, sobre as temáticas ideológicas, até em suas primeiras análises críticas.

Voltando ao romance, Marina é pega por uma decepção logo no início do livro. Após trabalhar seu primeiro mês como professora, “era terça-feira e o dia 30 de março. Ia receber o primeiro dinheiro. Quanto seria? Foram uma tolice aceitar a classe e ensinar sem saber quanto ia ganhar. [...] Quanto seria? Não poderia ser menos de duzentos, dava diariamente três horas aula”⁴⁴. Entretanto, ela fica surpresa ao ver a quantia que recebeu das mãos de Madre Tereza, pois “no envelope branco havia somente cento e vinte cruzeiros”⁴⁵. Aqui já percebemos, logo de início, a crítica ao estilo de fazer educação brasileiro, o da não valorização ao profissional da educação.

Seguindo o romance, a jovem professora se vê frustrada com o pequeno ordenado recebido. Vai a uma loja comprar alguns produtos, mas desiste, haja vista a falta de dinheiro. Ela então dirige-se a uma livraria, tentando comprar-lhe algo que fosse, ao menos, satisfatório. Enquanto Marina olha a estante de livros, “sentiu, no rosto, um calor estranho. Diante do título que acaba de ler os pensamentos amontoavam-se em seu cérebro e as recordações do convento sucediam-se. Sexo. Pecado da Carne. Imoralidade”⁴⁶. Tratava-se da obra *A Questão Sexual*, de Auguste Forel, a qual ela guardará e lerá durante um bom tempo no decorrer do romance. Marina contrastou tudo que ouvira até então no convento com a oportunidade de conhecimento que acabava de ter. Aqui, percebemos um outro assunto que será recorrente em toda a obra: a revolução sexual, fruto da segunda onda feminista.

Liberdade sexual para que todas as mulheres e crianças possam usar sua sexualidade como quiserem. [...] Em nossa nova sociedade a humanidade poderá facilmente voltar à sua sexualidade natural polimorfamente diversa. Serão permitidas e satisfeitas todas

⁴⁴ PAIM, Alina. *A Estrada da Liberdade*. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p.15

⁴⁵ *Ibid.* p. 18.

⁴⁶ *Ibid.* p.19.

as formas de sexualidade. A mente plenamente sexuada tornar-se-á universal (FIRESTONE, 1976, p. 258-262)

Como vimos, em citação de uma das autoras mais influentes da segunda onda feminista, a questão sexual é um dos pilares ideológicos que sustenta o movimento. Alina demonstra, como já dito, sua capacidade em absorver as ideias e discursos de sua época e os transporta para o papel. Em diversas outras citações percebemos o apelo ao conteúdo sexual e às ideias feministas de libertação das mulheres, que ela contrasta aqui com a dureza moral do convento.

Logo em seguida, percebemos outro ponto trabalhado pela autora quando ela demonstra o “pensamento masculino” a respeito das mulheres numa cena de jantar. “[...] seu Augusto, calado, numa reprovação contínua à Madrinha Edite, naquele silêncio que parece dizer: ‘Vejam a mulher que eu tenho. Não posso conversar, ela não entende nada’⁴⁷. Na época da autora e até durante as raízes do movimento feminista, a ideia de que a mulher era inferior intelectualmente aos homens também era latente. Marina deixa clara a sua reprovação quando pensa em responder ao tio, ela enumera algumas características más dele, mas acaba por não responder.

Seguindo a história, Marina esconde-se no sótão da casa para ler o livro comprado, algo que ninguém poderia vê-la fazer. Aqui, como em várias outras passagens do romance, percebemos a ideia proposta pela autora, de que o conhecimento pode libertar da alienação, principalmente o conhecimento tido como “proibido”. É uma temática que também veremos no *A Sombra do Patriarca*, quando o livro “A ressurreição”, de Tolstói, é queimado por uma personagem, o que faz Raquel, a protagonista do *A Sombra*, ter profundo interesse pelo livro e suas ideias.

Marina faz diversas perguntas a si mesma sobre casamento, sobre seus sentimentos e sobre a verdade. Questiona-se se as freiras não haviam a apresentado apenas a mentiras. Exemplo disto é o final do primeiro capítulo, onde Marina tem dúvidas sobre o que é a circuncisão, referida por uma freira sobre “quando derramou seu primeiro sangue pela humanidade”⁴⁸. A citação anterior refere-se a Jesus e o momento de sua circuncisão enquanto criança judia do primeiro século. A protagonista tem dúvidas a respeito do tema. Quando pergunta à Irmã Luzia, a freira explica de forma errada o significado, ao dizer que se trata de “um talho que o sacerdote fazia no braço dos meninos hebreus”. Em outra cena, Marina questiona um amigo estudante de medicina sobre a circuncisão e fica bastante envergonhada por ter sido enganada pela freira. Percebemos a clara alusão à disputa intelectual entre ciência e religião, quando o estudante diz a Marina: “Ela te enganou. Procura um livro de ciência”.

⁴⁷ *Ibid.* p.20.

⁴⁸ *Ibid.* p.24.

Dessa forma, Marina agora prefere buscar as respostas por conta própria, nos livros e enciclopédias. Essa cena demonstra o começo do desligamento de Marina e as respostas providas pela fé, o que aumentará no decorrer da história.

Ainda nos primeiros capítulos, as críticas são duras em relação à hipocrisia percebida por Marina nas irmãs do educandário. Aqui retomamos ainda à ideia do romance de formação, onde experiências como essas podem ter acontecido à própria Alina Paim, o que acabou por motivar a escrita. Numa cena onde a Madre Superiora humilha uma outra aluna mais simples por ter feito “insinuações de uma malícia diabólica”. As insinuações referem-se a um boato que corria de que haveria um subterrâneo ligando o convento das freiras ao dos padres, que seira utilizado para assuntos “não religiosos”. Três alunas questionaram isso a uma freira, que logo contou à Madre Superiora, que rendeu humilhações e notas baixas a apenas uma das alunas, a que vivia “de favor” no convento. As outras eram filhas de fazendeiros ricos e que destinavam doações generosas ao convento. Marina, ao ver a situação e relembrar outras cenas de humilhação perpetrados pela Madre Superiora, pensa:

Os atos de Madre Superiora estavam em contradição com seus ensinamentos de humildade, submissão à vontade divina, caridade para com o próximo. Onde estivera a caridade em todos aqueles acontecimentos? Tinha havida apenas o interesse. Dinheiro. O dinheiro mandando nas ações e a caridade dominando as teorias (PAIM, 2022, p. 52)

Esse também é um tema recorrente, o olhar crítico e julgador entre as ações das irmãs, figurando aqui a religião cristã, e as suas ideias. Esse olhar crítico direcionado às ideias e às atitudes das irmãs vai ficar ainda mais acentuado quando Marina não dá aulas somente no educandário, mas também quando ela passa a viver e a conhecer uma nova realidade. Logo após os primeiros anos no convento, Marina é aprovada num concurso público e passa a lecionar na Escola Almirante Barroso, que fica num bairro periférico de Salvador, conhecido como Estrada da Liberdade, que dá o nome do romance. Aqui também vemos uma forte ligação entre a vida de Marina e da autora do romance, demonstrando ainda mais a ideia de que o romance é esse fato organizador das memórias e a jornada de ascensão intelectual e social da autora, assim como da personagem. Enquanto começa trabalhar nessa nova escola, a protagonista é apresentada a uma nova realidade, desconhecida a ela até então. Ela passa agora a presenciar a desigualdade social, as privações estruturais e as condições sub humanas em que aquelas pessoas viviam. “[...] em casas de sopapo, cobertas de zinco, sem espaço, cheias de goteira”⁴⁹.

⁴⁹ *Ibid.* p.59

Além disso, ela percebeu que todas as crianças para quem dava aulas, passavam fome e tinham tuberculose, devido às condições insalubres em que viviam.

Marina fica muito apreensiva com as situações que presencia. Quem a ajudará a descortinar críticas também será, e principalmente, o marido da sua amiga Maria José, Miguel, que é jornalista e possui alguns livros em sua casa pelos quais Marina demonstra interesse. Ele surge como uma figura iluminada pelo conhecimento e pela liberdade de pensamento, que será o guia dela na busca pela verdade que ela tanto almeja encontrar, Miguel age aqui como um intelectual coletivo, do qual já falamos. Ao perceber que Marina não conhecia nem um daqueles autores, Miguel pergunta “Então Marina, conhece as obras dos escritores estrangeiros e ignora os romancistas nacionais?”⁵⁰. Marina responde com um chavão aprendido no convento de que “O Brasil não tem romance próprio, é um país novo”, que logo é corrigida por seu pensamento “Estava repetindo um pensamento alheio. Quem fora mesmo que dissera estas paalvras? Ah! Tinha sido Madre Helena na aula de literatura francesa quando comentara as obras de Balzac”. Logo, após pegar alguns livros emprestados como “Capitães de Areia”⁵¹ e “Jubiabá”⁵², ambos de Jorge Amado. Esses livros apresentam Marina à realidade de fato vivida e enfrentada pelo povo baiano à sua volta, além de introduzi-la nos assuntos do movimento socialista por uma sociedade mais justa e sem desigualdades. Miguel fala: “Marina, depois de você ler estes dois volumes, compreenderá muita coisa que está procurando resolver sozinha. Seus meninos da Estrada da Liberdade estão nestes volumes. Leia-os com cuidado”⁵³.

É aqui que Marina começa a entender, após já dar aulas na Almirante Barroso, que o mundo que ela conhecia no convento não existe, que a realidade é muito mais complexa que as coisas que ela ouvia das irmãs. Ela diz, em seus pensamentos e após ler livros indicados por ele:

Miguel aos poucos vem modificando a maneira estreita e falsa de encarar os fatos que adquiri com a educação do convento. Ele não fala muito para me convencer, escolhe um livro sobre o assunto e me dá, leio e compreendo. Depois dessas leituras, acabaram para mim as histerias de ‘condição humilhante da mulher’, ‘miséria de Eva’ e outros absurdos⁵⁴

⁵⁰ *Ibid.* p.66

⁵¹ É um romance de autoria do escritor brasileiro Jorge Amado, escrito em 1937. A obra retrata a vida de um grupo de menores abandonados. Crescem nas ruas da cidade de Salvador, na Bahia, vivendo em um trapiche, roubando para sobreviver, chamados de "Capitães da Areia".

⁵² É um romance que retrata o cotidiano das classes populares na cidade de Salvador, na Bahia, sob a ótica de Antônio Balduino, menino criado no morro em Salvador, que se converteria em líder grevista. Jubiabá é o nome do pai-de-santo que comanda o morro onde nasceu Balduino. A partir de Jubiabá, Jorge Amado trouxe para seus romances a tese comunista do "etapismo", que defendia uma aliança política da esquerda popular com a burguesia.

⁵³ *Ibid.* p.67

⁵⁴ *Ibid.* p.96

Marina é apresentada a esses livros e vê que “por trás da sociedade que se divertia nos bairros elegantes da Vitória, Barra Avenida, Avenida Oceânica, outra existia que se revolia no sofrimento, nas garras da miséria e da exploração”⁵⁵. Embora, em nenhum momento o livro faça menção explícita ao comunismo em si, Alina demonstra indiretamente sua ligação com a cultura política socialista em diversos pontos da narrativa. Por exemplo, ao citar, em dado contexto discursivo, como exemplos, as obras do escritor Jorge Amado, conhecido militante do PCB e principal nome da literatura social/proletária do país, nossa romancista deixa transparecer os pressupostos socialistas que orientam a sua escrita, cumprindo, assim, os ideais do Partido.

Além das críticas à religião e às desigualdades sociais, Marina também aponta as incoerências presentes em outra instituição: a família. O contato dela com a família da sua madrinha Edite demonstra a opressão feminina em que vive a mulher perante Augusto, seu marido. Ela deixa claro a condição de subserviência relegada à mulher como ente dependente economicamente do esposo, o que a leva a suportar situações degradantes. Edite, conta a Marina um pouco de quando ela ficou grávida.

Quando descobri que estava grávida e disse a Augusto ele ficou furioso. Fez um barulho enorme e disse que eu devia perder a criança. Logo não falava comigo, fazia que não me via. Ficou se maldizendo, achando que eu pesava muito que o dinheiro não dava nada e eu ainda queria encher a casa... Eu sei porque é tudo isso. Ele sabe que me deixando, não tenho para onde ir, nem de onde tirar um meio de vida. Essas coisas vão desgostando a gente. Ouvir todo dia alegar o que se come, o que se veste, e ter de ficar calada. Para acabar essa história, eu permiti tudo. Deixei acontecer (PAIM, 2022, p.123)

Marina começa o romance sonhando em casar, mas tem sua visão alterada após perceber novas nuances a respeito, ela diz que “queria casar-se um dia, ter filho, mas não suportava ter um senhor”⁵⁶. Concordando com a autora feminista Simone de Beauvoir quando ela diz que:

Um parasita a sugar a vida de outro organismo [...] a dona de casa não caminha para a criação de algo durável [...]. O trabalho que a mulher faz dentro de casa não é diretamente útil para a sociedade; não produz nada. A dona de casa é subordinada, secundária, parasítica. É para o seu bem que a situação tem de ser alterada de modo a proibir o casamento como uma “carreira” para a mulher (BEAUVOIR, 1980, p.167)

Logo, percebemos as semelhanças entre as ideias retratadas por Alina com as do pensamento feminista de Beauvoir. A protagonista ainda define o casamento como sendo “apenas uma mistificação, uma prostituição santificada, selada com orações e gostos ridículos, onde a mulher se comprometia diante de um altar a entregar seu corpo, em troca de casa, de

⁵⁵ *Ibid.* p.110-111

⁵⁶ *Ibid.* p.126

comida e de roupa, a um homem que não a entendia e que a considerava apenas como uma fêmea”⁵⁷. Marina mais uma vez expressa suas críticas em relação às representações religiosas, as quais ela percebe como perpetuadoras de uma idealização matrimonial desigual entre os cônjuges. Para ela, essa idealização coloca sobre a mulher a responsabilidade por uma entrega total na relação conjugal, com uma série de funções e compromissos. No entanto, a visão da personagem não se resume a uma negação completa desse modelo. Ao conhecer o médico Paulo, Marina encontra “um companheiro, um homem com quem pudesse colaborar em seus trabalhos, estudar juntos e de quem se orgulhasse como pai de seu filho”⁵⁸. Parece que Alina Paim, ao criar o personagem de Paulo, quis retratar seu próprio encontro com Isaías Paim, também médico, que representou para ela um novo começo após sua internação em um hospital psiquiátrico.

Além da família, da desigualdade social e da educação, Alina também transporta para o romance a problemática social da homoafetividade, outro ponto bastante corrente nas ideias de sua época, como a segunda onda feminista e a revolução sexual. Marina fala sobre algumas passagens de que recordava no convento, como na noite em que avistou “dois vultos aos beijos. Um deles mergulhou a mão na gola da camisola do outro, apalpando alguma coisa”⁵⁹. Chegando a manhã do dia seguinte, o convento descobriu quem eram os vultos vistos na noite passada, “um dos vultos metia-se sob as cobertas na terceira cama da segunda fila; o outro andou mais um pouco e recolheu-se na quinta cama da oitava fila. Eram Odete e Helenita”⁶⁰. Marina ainda diz que muitas dessas meninas pegas em igual situação foram expulsas do convento, já que a Madre Superiora dizia “Maus elementos, se continuarem presentes botarão o resto do rebanho a perder”⁶¹. Ela ainda encontra casos parecidos em suas alunas, na Almirante Barroso, “Hildiva e Odila de mãos dadas diziam segredos, eram encontradas nas rampas aos abraços... dizia-se muita coisa das duas [...]”⁶². Alina reflete sobre as questões sexuais a partir da repressão, representada aqui pelas irmãs do convento, e do direito à escolha da orientação sexual do indivíduo, bem como, destaca que embora as tentativas de controle existam, sempre existirão sujeitos que irão romper com os padrões aceitos. Essa temática é bastante forte na segunda onda do feminismo.

⁵⁷ *Ibid.* p.126

⁵⁸ *Ibid.* p.126

⁵⁹ *Ibid.* p.92

⁶⁰ *Ibid.* p.92

⁶¹ *Ibid.* p.93

⁶² *Ibid.* p.111

A revolução sexual foi um dos pilares centrais da segunda onda do feminismo. Esse movimento trouxe à tona questões cruciais sobre a autonomia e o poder das mulheres sobre os seus corpos e sua sexualidade. As feministas dessa época trouxeram a pauta do direito ao prazer, à contracepção e ao controle sobre a reprodução. Essa luta resultou em diversos pontos, como a legalização do aborto em vários países e a disseminação de informações sobre saúde sexual e reprodutiva, promovendo uma maior igualdade de gênero no âmbito sexual e pessoal. Algumas feministas da segunda onda abraçaram abertamente a diversidade sexual e lutaram pelos direitos das pessoas LGBTQIA+, reconhecendo que a opressão de gênero estava também interligada à opressão sexual e que ambas deveriam ser combatidas em conjunto. A respeito disso, a historiadora Ana Caroline Campagnolo afirma que “inúmeras evidências confirmam que a revolução feminista é uma e a mesma coisa que a revolução sexual” (CAMPAGNOLO, 2019, p.139). Percebemos isso nas várias referências que a autora faz aos modelos sexuais padronizados e aprovados pela religião e pela sociedade. Alina vive na época em que essas ideias mais circulam no mundo, a ideia da liberdade sexual, principalmente para as mulheres.

Ademais, ainda nessa temática da sexualidade, Marina narra outro problema relacionado ao tema: as doenças sexualmente transmissíveis. Além de exemplificar ainda mais a liberdade sexual de que o homem goza na sociedade, em detrimento da mulher, ela mostra o preconceito com a relação sexual feita fora do padrão do casamento. “A mulher de seu Célio tinha uma irmã cega, uma viúva, de Montepio Minguado. A infeliz martelava sempre que o finado era uma peste, graças a ele estava cega, se ele não fosse descarado não teria trazido pra casa uma doença do mundo”⁶³. Aqui, ao lado de vários outros casos descritos por Marina, percebemos a “liberdade sexual” que os homens possuíam na sociedade, o que entrava em contraste com as cobranças de retidão feitas às mulheres, mais uma pauta feminista trabalhada pela autora.

Já próximo do final do romance, quando fala do seu aniversário, Marina descreve a cena do velório de um rapaz, muito estudioso por quem ela guardava respeito e carinho. “Foi tão ligeiro. Ninguém julgava que fosse naquela hora. Ontem teve uma melhora... [...] Nós criamos esperança, mas Deus não quis assim. Expirou sem fazer barulho. Foi uma agonia bonita. Morreu como um passarinho sem um gemido”⁶⁴. Marina voltou pra casa, pensando nisso e em várias coisas que estava descobrindo. Ela fala que mesmo com tudo isso, “estava contente. Mas por que? Donde vinham essa agitação, esse desejo de viver, essa ânsia pela luz da madrugada, pelo começo de um novo dia? [...] Sabia que dali em diante seus passos seriam guiados para um

⁶³ *Ibid.* p.148

⁶⁴ *Ibid.* p.147

novo rumo, sua existência teria significação”⁶⁵. Alina dispõe aqui de uma metáfora para essa nova fase da vida de Marina. A morte do menino, marca a morte da inocência de Marina, a sua fase alienada pelos ensinamentos das irmãs. Seu aniversário, uma nova oportunidade de dar significação a sua vida. Marina renasce para a “luz da madrugada, pelo começo de um novo dia”.

Ela continua as leituras dos livros recomendados por Miguel. “Havia sido enganada cinicamente, compreendia à proporção que ia lendo. As páginas se sucediam ascendendo-lhe na alma uma indignação surda, sufocante”⁶⁶. Essa nova fase da protagonista contrasta muito bem com a vida da autora, assim que ela sai do convento, passa a viver na capital e na presença dos intelectuais mais conhecidos do país, ela vai criando o significado para a sua vida. Todas as “mentiras” e as hipocrisias estavam agora patentes aos seus olhos, havia uma esperança: a revolução socialista e feminista.

Não lhes bastara esconder a face humana das coisas, usaram a História como um jogo, falseando os fatos, dando interpretações tendenciosas aos acontecimentos contanto que servissem aos interesses da Religião, forjassem razões e justificativas para as ações de uma classe (PAIM, 2022, p.157)

Um dia tudo mudara. Esses miseráveis foram sacudidos de seu torpor por uma grande esperança, revigorados por uma promessa de melhores dias. [...] era a oportunidade de trabalhar, cobrir de plantações aquelas terras férteis criminosamente abandonadas e em consequência disso ter alimento para suas mulheres e filhos (PAIM, 2022, p.158)

Marina via cavar-se, cada vez mais, o abismo que a separava, dia a dia, das freiras. Já não sabia conversar naturalmente com uma delas, aguardava suas palavras com o espírito atento, prevenido contra qualquer embuste, nada escapando a uma rigorosa análise (PAIM, 2022, p.159)

Como iam longe as consequências de um sistema de educação. Era uma arma perigosa nas mãos de quem sabia manejá-la a serviço de seus interesses. E as freiras sabiam utilizá-la com técnica apurada (PAIM, 2022, p.164)

Marina agora não tem mais tantas dúvidas; agora ela é feita de certezas, as certezas de quem viu e presenciou a realidade sofrida das crianças com quem trabalhava. Na última citação, Marina fala a respeito do sistema de educação como arma, que foi utilizado por muito tempo pelas “freiras”, representando aqui todo um sistema conservador da sociedade. Assim, ao expor o suposto mecanismo de dominação da elite cristã conservadora, a autora deixa implícito o projeto contracultural revolucionário, orientado à subversão dos valores e princípios tradicionais por meio da educação e da cultura de forma geral. Sem dúvida, essa e outras diversas passagens de mesmo teor ideológico observadas nesse romance, em particular, são um exemplo cabal de como o estilo jdanovista foi implementado na obra de Alina Paim.

⁶⁵ *Ibid.* p.152

⁶⁶ *Ibid.* p.157

5. A Sombra do Patriarca

O segundo romance do qual iremos falar é o *A Sombra do Patriarca*, lançado em 1950 pela Editora Globo. Ele é narrado em primeira pessoa. Raquel, a protagonista, nos conta o que viu, ouviu e descobriu nos meses em que esteve na propriedade do Tio Ramiro, principal antagonista. Tem o enredo simples, funciona como relato de lembranças de uma viagem. Situa-se em, pelo menos, dois tempos distintos: o passado, ao relembrar os fatos narrados, e o futuro, ao revelar os sonhos e as expectativas da personagem. Raquel nos mostra uma realidade bastante conhecida do nordeste brasileiro, onde os grandes senhores de terra dominavam por extensas regiões como senhores feudais⁶⁷ que tinham o dinheiro por força e poder. A trama tem, assim como o *A Estrada da Liberdade*, um tom maniqueísta, onde os personagens se dividem em dois grupos e agem da mesma forma desses grupos: os maus, que são ligados ao patriarca e defendem o seu ponto de vista a respeito da realidade e que representam a classe dominante e a ser combatida; e os bons, ligados ao ideário comunista, enxergam os problemas sociais e propõem a união para a conquista de um novo mundo, diferente do conhecido e opressor.

A autora volta a tratar aqui da importância da educação na libertação dos alienados pelos discursos da classe dominante e pelo seu modo de agir. Volta a falar também dos problemas inerentes à família e moral cristã, estendendo o assunto aos direitos e reivindicações das mulheres. Nesse romance em específico, o comunismo aparece como o único meio capaz de destruir as desigualdades existentes e, detalhe importante, essa luta não seria travada por homens, mas por mulheres. Aqui temos duas mulheres importantes, Raquel e Leonor, que sonhavam em “destruir os patriarcas e reduzir sua sombra a poucos palmos de seus pés. Leonor e eu éramos aliadas, tínhamos de unir-nos a vontade de escapar da sombra do patriarca, o desejo de quebrar essa sequência de orgulho e de submissão”⁶⁸. Além delas, temos também a personagem D. Gertrudes, que funciona aqui como o Miguel funcionou no romance já estudado, como a ponte que liga as meninas à instrução nas ideologias socialistas e feministas. Ela sempre aparece com a sua peculiar “luz vermelha da rebelião”.

Todo o mote da narrativa consiste não no sentido de uma revolução social para o povo que vive sob o poder do Tio Ramiro, mas o objetivo é destruir o poder intelectual/emocional/mental que ele exerce sobre seus parentes mais próximos. Como uma libertação intelectual, antes de uma libertação material. Além disso, temas como o casamento

⁶⁷ PAIM, Alina. *A Sombra do Patriarca*. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p.56

⁶⁸ *Ibid.* p.54

e a “fragilidade” da mulher voltam a ser trabalhados: “Não compreendia como conseguira defender a vivacidade do olhar no decorrer de tantos anos subjugada ao lado do marido, sempre asfixiada por sua vontade de ferro, que não perdoava ter-lhe dado uma filha em vez do menino tão desejado”⁶⁹.

Tio Ramiro, o principal antagonista, é descrito das piores formas possíveis. Ela faz uma descrição do personagem em que vários aspectos de sua personalidade são contados por diferentes pessoas, até que ele surja em cena. “Tio Ramiro surgiu diante de meus olhos como um patriarca, sua sombra alongando-se pelas terras, extinguindo a felicidade em volta dele, porque seu dinheiro onde passava ia semeando maldição”⁷⁰. Ela ainda o descreve como:

Compreendi em toda a sua extensão a ambição e a violência desse homem que com uma vontade de ferro dobrou todas aquelas vidas, torceu os destinos de tantas pessoas para que nada fugisse à sua determinação, nem escapasse a seus planos. Usava todos os meios, não poupava dinheiro e agia sem piedade, frio e autoritário (PAIM, 2022, p.17)

A sombra do patriarca é sutil e venenosa como os vapores de um tóxico poderoso, penetra nas casas de sopapo, envelhece as mulheres prematuramente e mina a vida das crianças. Age semeando a miséria, sugando as energias, matando as esperanças, reduzindo todas à passividade e ao silêncio (PAIM, 2022, p.32)

No romance, o patriarcado é retratado como um sistema de opressão de classe, não de gênero. Isso é evidenciado pelo fato de que as duas personagens que lideram o sistema opressor são um homem, Tio Ramiro, e uma mulher, sua filha Teresa. O patriarcado descrito por Alina Paim assemelha-se ao que hoje conhecemos como coronelismo. Tio Ramiro, com sua filha como sua principal aliada, personifica a figura do coronel: um grande proprietário rural que domina as instituições - família, religião e política - para manter seu poder econômico e político. Já após 1970, fortemente influenciado pelo feminismo, o termo “patriarcado” passou a ser quase “sinônimo de dominação masculina ou de opressão das mulheres”, conforme nos diz Christine Delph, em seu *Dicionário crítico do feminismo*, de 2009, nas páginas 173 a 178.

Por mais que as reflexões sobre o projeto de uma sociedade socialista sejam constantes em todo o desenrolar da história, o verdadeiro objetivo é salvar Oliveira das garras do Tio Ramiro. Ele é o pai de Leonor. É um homem de 42 anos que passou grande parte da sua vida submetido à esposa e ao sogro, o patriarca. Oliveira tem consciência do seu lugar de subserviência, mas falta-lhe coragem para romper com a lógica social que o domina. Cabe a sua filha Leonor, que agora encontra uma parceira em Raquel, libertar o pai dessa opressão. “Se Leonor estava disposta a arrebatá-lo das garras do Tio Ramiro, precisava levar coragem em

⁶⁹ *Ibidi.* p.18

⁷⁰ *Ibidi.* p.17

dose dupla, ao menos para sustenta-lo nos primeiros tempos”⁷¹. “Leonor e eu éramos aliadas, tínhamos a unir-nos a vontade de escapar da sombra do patriarca, o desejo de quebrar essa sequência de orgulho e de submissão”⁷².

Alina, ao construir um personagem masculino frágil e subserviente, desconstrói de forma subliminar a ideia de uma masculinidade naturalmente forte e corajosa. Ela o coloca submetido a uma mulher que é autoritária como o pai: “Era da raça de Tio Ramiro, em suas veias corria o sangue do patriarca”⁷³. A influência ruim do patriarca se estendia, como já dito por Raquel, por todos os lugares.

Em diversas passagens Raquel se depara com declarações sobre as mulheres e sua natureza que a fazem pensar sobre a sua própria condição. Como numa conversa com Teresa, quando esta diz:

A mulher, sem alguém que a sustente nas dificuldades, sem um punho forte que a domine, não pode ser feliz. A mulher foi feita para obedecer, sua vontade foi talhada para curvar-se diante de outra mais forte [...] a mulher sempre é mais fraca. Quando lhe falta o amparo do pai ou do marido, a desorientação toma posse de sua vida, ela não acerta mais a dar um passo [...] A religião explica com clareza: a mulher tem que viver sob a tutela do homem, primeiro na casa paterna, depois na companhia do marido. Querer agir de outra maneira é procurar inclinar-se às bordas do perigo, é ficar prestes a cair no irremediável (PAIM, 2022, p. 38-39)

Aqui, além de outro ataque à religião, percebemos que a autora, tanto nessas citações quanto na construção de Oliveira, concorda com o dito por Simone de Beauvoir sobre uma “natureza feminina”, o que coloca Alina também nas mais recentes discussões que tratam sobre “ideologia de gênero”, termo comum que diz respeito à construção social dos gêneros. A esse respeito Simone diz que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, físico, econômico, define a figura da fêmea humana que se reveste no seio da sociedade: é a civilização como um todo que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificamos de feminino. [...] Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de ser afirmar como mulher, mas de tornar-se um ser humano na sua integridade (BEAUVOIR, 1980, p.9)

Portanto, percebemos que a autora introduz a discussão da formação social dos gêneros, onde a concepção “comum” era a de que a mulher é mais fraca, tanto física quanto intelectualmente, e que precisa do apoio de um homem que a ajude. A criação de um personagem masculino que subverte essa concepção demonstra, por parte da autora, uma forma

⁷¹ *Ibid.* p.60

⁷² *Ibid.* p.67

⁷³ *Ibid.* p.112

de mostrar que essa não é a regra geral, que existem nuances diferentes na vida real e que cada indivíduo possui suas idiossincrasias. Como a própria Alina comenta, em entrevista, a respeito dos seus primeiros romances:

Nos meus primeiros romances – disse – tentei fixar a realidade brasileira, sem perspectivas. Sem querer, dava em meus livros uma visão miúda da vida e dos homens, entregava-me a métodos de análise em que via mais o negativo, sobretudo o intencionalmente “complicado” do homem. Pensava mais nos dramas individuais, como se estes fossem desligados das causas que os determinam, isolando-os até certo ponto da sua vida social (MEIRA, 1954, p.13-14)

Ainda sobre a questão da essência feminina, Raquel tem alguns embates com o Tio Ramiro, coisa que “nunca em sua vida lhe passou pela mente, contrariei tio Ramiro, mostrei que existe alguém que pode ter opinião por conta própria e ao mesmo tempo estar sentado em sua mesa, à sua direita, dentro do raio de ação de sua autoridade”⁷⁴. Num desses momentos, Raquel é questionada pelo patriarca quanto a sua profissão. Raquel, assim como Marina e assim como Alina, também é professora. O tio a questiona sobre seu trabalho e pergunta se ela tinha outra profissão em mente.

- E que profissão você preferia?
- Advocacia.
- Impossível – respondeu tio Ramiro descansando com força a faca na borda do prato – A advocacia não foi feita para a mulher. Alfredo fez bem em não consultá-la. Nem todas as profissões são próprias para uma moça.
- Tio Ramiro, não penso assim. [...] a mulher pode competir com o homem e vencer em qualquer coisa para que tenha vocação. Pode ser médica, advogada e até engenheira, apesar das dúvidas de muitos homens sobre suas aptidões para a matemática.
- Pode ser capaz se quiser, mas não deve seguir nenhuma dessas carreiras, não estão de acordo com a sua condição. A mulher foi feita para tomar conta da casa, cuidar do marido e criar os filhos. Ser professora já é uma concessão de que às vezes muitos homens se arrependem. (PAIM, 2022, p.45)

Nessa discussão entre Raquel e Ramiro, uma de muitas narradas ao longo do romance, percebemos o predomínio da visão patriarcal a respeito da mulher e da sua condição enquanto ser e enquanto indivíduo. Raquel subverte todas as expectativas de todos os que estavam à mesa. Ela é a única que tem coragem de responder ao Tio de forma incisiva. Para ela, a cada embate que ela demonstra coragem, sementes revolucionárias vão sendo plantadas nos corações e nas mentes dos que a ouvem desafiar a antiga ordem que ainda impera. É o caso de Leonor e do seu pai, Oliveira.

Raquel atribui esse instinto combativo próprio de sua índole a D. Gertrudes, uma das personagens principais do romance. “Aprendi a confiar em mim mesma. D. Gertrudes ensinou-

⁷⁴ *Ibid.* p.42

me muitas coisas, e entre elas o direito que tenho a ser dona de minha vida. Isto hoje é uma coisa entranhada em minha consciência”⁷⁵. Ela aparece aqui na figura de intelectual coletiva, assim como o Miguel do outro romance. É Gertrudes quem primeiro inspira, por meio de suas aulas e dos livros que indica, a atitude revolucionária assumida por Leonor e, por conseguinte, de Raquel. Segue a passagem do romance em que Leonor conta como a professora a encoraja a expressar, frontalmente, a sua revolta em relação a seu avô e à sua família e a seus valores considerados arcaicos:

D. Gertrudes entusiasmou-se e, batendo em meu ombro, disse – A revolta, hem, Leonor! Você encontrará o seu caminho mais cedo ou mais tarde!”. [...] A revolta é como uma luz que de repente se acendesse nas trevas. Quem vê essa chama enxerga o caminho, não precisa mais de guias. [...] para consertar o mundo precisamos dos jovens, os velhos serão mantidos em silêncio para que não perturbem a construção. Não vamos perder tempo em arrancar os erros, quando suas raízes são profundas. Os velhos já viveram e os jovens estão começando, é com esses que devemos contar (PAIM, 2022, p.48-49)

D. Gertrudes cumpre aqui o papel de “iluminar” as mágoas e as impressões da realidade de Leonor e de Raquel. Ela servirá durante todo o romance como bússola moral e intelectual para as meninas e para as ações que elas realizam na busca do seu ideal. Interessante apontarmos que Gertrudes é o nome de umas das freiras que mais incentivou a autora a estudar e a escrever durante os anos do educandário de freiras. Como a vida e a obra de Alina se misturam, fica fácil perceber que a Gertrudes física influenciou muito a construção da Gertrudes fictícia. Leonor, a princípio, não pretende contar sobre tudo que D. Gertrudes representa para ela, com medo de que Raquel não a compreenda bem. Segue um trecho da obra:

Havia muita coisa sobre D. Gertrudes que ela teve o cuidado de não contar da primeira vez. Pressentiu que ainda era cedo para me apresentar a amiga tal como mais tarde havia de admirá-la. Não se enganou em sua previsão, não estava preparada realmente para compreender as suas ideias, meus preconceitos nesse terreno eram muitos, meus ouvidos estavam cheios do que se espalhava sobre pessoas que tinham abraçado semelhante ideologia (PAIM, 2022, p.53)

D. Gertrudes representa aqui o ideal de mulher comunista que Alina esperava incutir nas mentes de quem lesse sua obra. Ela é, D. Gertrudes, a única que “possui uma interpretação segura e orientada dos fenômenos sociais”⁷⁶. Por este motivo, ela é o maior exemplo do tipo de mulher que Raquel queria se tornar. Alguém livre e independente. Sempre que ela aparece está associada à cor vermelha, uma clara referência à cor principal usada pelo movimento comunista em todo o mundo.

⁷⁵ *Ibid.* p.48

⁷⁶ *Ibid.* p.65

Há um episódio bastante emblemático, quando Teresa queima o livro *A Ressurreição*, do escritor russo Tolstói, por ele estar no index dos livros proibidos pela Igreja Católica e que sua filha mais nova, Anita, estava lendo. Ela havia tomado o livro emprestado com Leonor, era da estante de Oliveira, seu pai. Após a queima do livro houve uma discussão entre as meninas e Teresa, mas que dessa vez Oliveira respondeu a Teresa com energia, passando por sobre a humilhação. Raquel diz ter visto “um clarão da luz vermelha da revolta”, “o lampejo da luz vermelha de D. Gertrudes”, junto com o livro de Tolstói, “abriu uma clareira no horizonte, anunciando que a aurora não estava longe e que havia uma promessa de renascimento pairando no espaço”⁷⁷. Oliveira finalmente ouviu o chamado da revolta que há muito tempo fez morada no coração e nas mentes de Leonor, sua filha, e de Raquel. A qual se enche de alegria e diz que a “ressurreição que um dia varreria do mundo os patriarcas, colocando tudo em seus limites, reduzindo a sombra dos poderosos apenas a alguns palmos além de seus pés”⁷⁸.

Ainda sobre a relação das meninas com D. Gertrudes, cumpre destacar a passagem em que um professor percebe a aproximação de Leonor com a intelectual e, temeroso com o efeito da influência da mulher sobre a jovem, adverte-a sobre a inclinação comunista da preceptora. Esse fato causa estranheza e descrença em Leonor, por ela ter ouvido coisas realmente más a respeito dos comunistas. Contudo, ao conversar com Raquel, ela se dá conta de sua afinidade com os ideais do temido partido. Segue o trecho em questão:

Sem saber eu também era comunista, Raquel. Com continuação, ouvindo Carlos (*filho de Gertrudes*) e D. Gertrudes falarem, escutando suas explicações sobre os fenômenos sociais, indagando as causas da miséria e da injustiça e os meios de remediá-las, fui me tornando consciente. Estudei muito e continuo a estudar, as coisas tornam-se claras, muito claras diante de nós (PAIM, 2022, p.189)

Aqui ocorre a primeira menção explícita ao comunismo na obra de Alina. É ele, o comunismo, quem pode trazer a morte do velho mundo, cheio de patriarcas, dor e sofrimento; mas também trazer a ressurreição de um novo mundo, de um paraíso na terra onde as classes e as diferenças não mais existiriam. Ninguém mais seria humilhado e sobrepujado por patriarcas, freiras, padres, ou quaisquer que fossem as figuras de poder. O livro caminha para o final e demonstra o crescimento das meninas em relação à compreensão da realidade na qual estavam inseridas. Oliveira também havia sentido o chamado à revolta, algo que deu felicidade e esperança a elas.

⁷⁷ *Ibid.* p.106

⁷⁸ *Ibid.* p.109

Já no final do livro, a autora deixa a impressão, em uma cena, que Leonor e Raquel desenvolveram um sentimento maior que amizade e desejo de lutar juntos por um ideal. Na cena em que Raquel se despede do Curral Novo, Leonor a surpreende com as seguintes colocações:

- Sabe, Raquel, ia beijar primeiro seus olhos, mas você estendeu-me os lábios. E eu soube nesse instante que nunca mais poderia viver sem carinho. Renunciava para sempre o sonho antigo de uma felicidade mansa, aprendera a desejar algo mais forte que me sacudisse o sangue com violência e deixasse em meu corpo uma sensação aguda de vida (PAIM, 2022, p.240).

Aqui temos novamente, assim como no *A Estrada da Liberdade*, a temática da libertação também sexual. Percebemos a conotação sexual na relação das duas meninas que “estavam mais unidas do que nunca”, e que selam a despedida com um beijo e com o estranhamento dessa nova sensação, que para elas era a descoberta de um novo ponto de vista, de uma nova realidade, mais colorida e que não estava submetida aos ditames de Tio Ramiro ou de quem quer que fosse. Era a instituição do amor ao espírito revolucionário, à quebra de paradigmas e dogmas sociais. Elas, finalmente, haviam encontrado a liberdade uma na outra.

O livro termina com Leonor entregando a última esperança para Raquel: um envelope que continha o endereço de D. Gertrudes, que a guiaria no caminho da revolução e da descoberta de si. O romance termina com as personagens em lugares dialéticos totalmente diferentes de quando a narração começou. Agora os oprimidos haviam entendido a sua condição e sabiam quais as armas e estratégias deveriam usar para subverter a ordem vigente, para dar fim de uma vez por todas ao patriarcado e a sua sombra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivo geral, esta dissertação buscou encontrar, identificar e analisar as ideias que remetem ao feminismo em duas obras da escritora sergipana Alina Paim, a saber *A Estrada da Liberdade* (1944) e *A Sombra do Patriarca* (1950). Trabalhamos com base na leitura desses dois romances, que foram muito significativos na carreira literária da autora. O primeiro romance, inclusive, foi o responsável por colocá-la diretamente nos círculos mais influentes de intelectuais das décadas de 40-50 no Brasil. É época em que o comunismo estava mais forte, mesmo com o partido passando por períodos de ilegalidade. É nessa época, após a Intentona de 1935, que os comunistas de todo o mundo se uniram num propósito direcionado por Andrei Jdanov, o de criar uma literatura (cultura e artes em geral) que transformasse os motivos e as

aspirações de um povo por meio das obras literárias e culturais. Como bem relembra o grande crítico literário Antônio Candido:

[...] à surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período (CÂNDIDO, 1984, p.28).

É durante esse período que a nossa escritora começa a participar da vida ativa politicamente do país. Ela, por sua predisposição à escrita, é recrutada para o time de intelectuais coletivos do Partido Comunista do Brasil. Sua missão era a de escrever em prol do partido, de suas causas, de suas ideias e, principalmente, da revolução socialista. Ela, assim como todos os outros intelectuais e escritores, deveriam utilizar dos seus meios e de suas capacidades para ajudar a por em prática a revolução, que havia sido tentada alguns anos antes na Intentona que falhara.

Influenciados também pelas ideias do italiano Antônio Gramsci, eles deveriam transformar a grande massa do povo em socialistas sem o saberem, por meio das artes e da crítica geral das realidades e desigualdades sociais tão latentes no país. Como já bem nos disse Olavo de Carvalho:

Para a revolução gramsciana vale menos um orador, um agitador notório, do que um jornalista discreto que, sem tomar posição explícita, vá delicadamente mudando o teor do noticiário, ou do que um cineasta cujos filmes, sem qualquer mensagem política ostensiva, afeiçoem o público a um novo imaginário, gerador de um novo senso comum. [...] Sua atuação informal penetra fundo nas consciências, sem nenhum intuito político declarado, e deixa nelas as marcas de novos sentimentos, de novas reações, de novas atitudes morais que, no momento propício, se integram harmoniosamente na hegemonia comunista (CARVALHO, 2014, p.64).

As ideias revolucionárias da autora e que eram dever dela propagá-las, também conversavam com outras teses que apresentavam uma ruptura com o mundo clássico: o feminismo que acontece junto à revolução sexual. Como vimos, o teor de quebra de paradigmas e da tradição é o mesmo em ambas as correntes. Aliás, no momento da escrita da autora, essas ideias apenas circulavam nos círculos intelectuais, ainda não haviam sido esquematizadas e preparadas para o grande público. Eram discussões que ainda careciam de maior aprofundamento e substância. No caso do feminismo, que se divide em pelo menos três ondas, encontramos as ideias de Alina inseridas na chamada segunda onda, onde os aspectos de gênero e de função social da mulher são melhor problematizados. Ideias como as defendidas pela religião, de família tradicional, da mulher como “eterna responsável” pelo mal dos homens e

da sua insuficiência perante o mundo, são combatidas nesse período, assim como vimos nas obras da escritora sergipana.

Suas personagens, que carregam características bastante singulares e que são idênticas às vividas pela autora, como vimos também em sua biografia, são marcadas pelo ideal de liberdade, pela ideia de igualdade perante os homens, pela queixa da má educação fornecida às mulheres em benefício dos homens e, por fim, da essência do ser feminino. Esperamos que tenha ficado clara essa ligação entre a sua biografia, seus atos na luta pela revolução junto ao partido e o seu fazer literário. Essas três áreas de sua vida trabalharam sempre juntas. Indivisíveis por excelência. A voz da escritora, das personagens e da socialista Alina ecoam uníssonas em cada página e posicionamento. Quando identificamos a obra de Alina como o romance de formação, o *bildungsroman*, é com base no interparalelismo presente na vida das personagens com a vida da autora. São professoras, que sofrem com os abusos da religião, que descobrem o mundo por meio de livros, que são apresentadas às ideias socialistas por personagens mais instruídos e carismáticos, que lutam pela revolução em seus ciclos de vivência, que questionam o ideal de família, que questionam o papel da mulher na sociedade e tantas outras abordagens.

Claro deve estar que esses dois romances produzidos pela autora tinham um objetivo, tinham uma bússola intelectual a seguir: a revolução, seja ela comunista ou feminista. Não se trata apenas de literatura panfletária pura e simples, como apressados podem classificar, mas de literatura que possui alma, vivências verdadeiras e, sem fazer juízo de valor a respeito, ideais que ela buscava desenvolver e colocar em prática, afinal ela sonhava com uma sociedade mais justa, mais igualitária e com menos fome e miséria. Foi o que ela presenciou quando deu aulas na Estrada da Liberdade e enfrentou os problemas da realidade brasileira da época, figurando Marina, ou quando lutava ideologicamente com sua família, por seus dogmas atrasados e que relegavam a mulher às piores posições sociais, como Raquel.

Comunista, feminista ou simplesmente artista, é como classificamos a autora Alina Paim. Ela sempre foi comprometida com a chegada do novo mundo que ela acreditava ser o melhor. Alina sempre participou das reuniões mais importantes do Partido, contribuiu com o Exército, educou crianças com suas histórias. Por mais que ela tenha sido uma funcionária do Partido Comunista Brasileiro, ela foi mulher, conquistou suas posições, escreveu e publicou seus livros a partir das suas vivências mais particulares e das reflexões mais sensíveis. Lutou com as armas de que dispunha no momento. Portanto, não tratamos de apenas mais uma literatura panfletária em prol do Partido ou do espírito revolucionário, mas de arte no maior

sentido do termo, aquela que prefigura o espírito humano em todas as épocas, aquilo que nos torna diferentes do resto mais.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – a experiência vivida*; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOSI, Alfredo. *Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30*. Teresa – Revista de Literatura Brasileira, n. 16, p.15-19. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/115411>. Acesso em: 21 set. 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL, Bruno. *O Cruzeiro*. In. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

BOUNICORE, Augusto. *O Partido Comunista, a cultura e os intelectuais nos anos 1940 e 1950*. Site do PCdoB, 2018. Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/o-partido-comunista-a-cultura-e-os-intelectuais-nos-anos-1940-e-1950/> Acesso em: 30 de novembro de 2023.

CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In. Aletria, Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 20, p. 125-132, 2010.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *Feminismo: perversão e subversão*. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2019.

CANDIDO, Antônio. *A revolução de 30 e a cultura*. Novos Estudos Cebrap, n.2, p.27-36. São Paulo, 1984.

CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republico: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*. 4.ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

CREVELD, Martin Van. *Sexo privilegiado: o fim do mito da fragilidade feminina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DELPH, Christine. *Patriarcado (teorias do)*. In: HIRATA, Helena et aliae. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ESCRITORES de todo o Brasil rumo a Belo Horizonte onde se inaugura amanhã seu Segundo Congresso. In. *Diário Carioca*, Ano XX, nº 5918, Rio de Janeiro, 11 de out. 1947.

FILHO, Adonias. *Estrada da Liberdade, de Alina Paim*. In. *A Manhã*, nº 1095, Ano IV, Rio de Janeiro, 06 de Mar. 1945. p. 03.

FIRESTONE, Shulamith. *La dialectica de los sexos: em defesa de la revolución feminista*. Barcelona: Editora Kairós, 1976.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. Ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013.

GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere - Antonio Gramsci: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Ed. e trad. de Carlos N. Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere, v.2 - Antonio Gramsci: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Ed. e trad. de Carlos N. Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, A. *Escritos políticos, v.2*. Org. e trad. de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

GUERRA; Elaine Linhares de Assis. *Manual de Pesquisa Qualitativa*. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o/2020/Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>>. Acesso em: 05/11/23.

HOMENAGEM do Partido Comunista do Brasil aos seus escritores e artistas. In. Tribuna Popular, nº 281, Ano II, Rio de Janeiro, 21 de abr. 1945.

JDANOV, Andrei. *Literatura Soviética: a mais rica em ideias, a literatura mais avançada*. 1934.

JDANOV. Andrei. *Sobre o realismo socialista*. In. Para Todos, Rio de Janeiro, nº3. abril, 1950.

KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros & marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

LIMA, Melo. *Leitura descobre uma romancista: Estrada da Liberdade – 1º volume da Coleção Leitura (entrevista com Alina Paim)*. In. Leitura: crítica e informação bibliográfica, edição 19, Rio de Janeiro, jun. 1944.

LITERATURA: *A Hora Próxima*. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1488. Rio de Janeiro: 23 de abr.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O canône mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Moraes, 1984.

MARTINS, Marcos Francisco. *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/FKsBMn3N4njmwQvYW6C3Z5k/#> Acesso em: 19 de novembro de 2023.

MARTINS, Marisângela T. A. *À esquerda de seu tempo: Escritores e o Partido Comunista do Brasil*. 2012. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MEIRA, Mauritoni. *Alina Paim (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!*. In: Última Hora, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de set. 1954.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Editora Perspectiva, 2002.

NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Apresentação. In. NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

NEVES, Artur. *Os intelectuais de São Paulo e o III Congresso Brasileiro de Escritores*. In. Revista Fundamentos, São Paulo, n. 14, abril de 1950.

O Método do Realismo Socialista e os Problemas da Literatura e das Artes no Brasil. *Horizonte*, Porto Alegre, ano III, n.3, Novembro – Dezembro. 1953, p. 70-73

PAIM, Alina. *A Educação na Rússia*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 29, Rio de Janeiro, maio 1945.

PAIM, Alina. *A Mulher e a FEB*. In. *O Cruzeiro*, ano VII, nº 48, Rio de Janeiro, 22 de set. 1945. pp. 03 e 16.

PAIM, Alina. *A Estrada da Liberdade*. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

PAIM, Alina. *A Sombra do Patriarca*. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

RIO DOCE, Cláudia. *Literatura e política cultural pelas páginas de Leitura*. In. *Revista IEB (USP)*, São Paulo, n. 54, set./mar., 2012.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1986.

REALISMO Socialista. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo403/realismo-socialista>. Acesso em: 06 de dezembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

RECRUTAMENTO para o Partido Comunista do Brasil. In. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo Polícia Política; Série comunismo, notação 2-A, maço 03. fls. 104.

SCLIAR, Moacyr. *Realismo Socialista*. Distrito Federal: Correio Braziliense, 2007. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/realismo-socialista> . Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

SILVA, Gabriel Moura. *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1994-1956)*. Dissertação (Pós-graduação em História) 236 f. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ): São João Del-Rei, 2022.

SOUZA, Juberty Antonio de; PICCININI, Walmor J. *História da Psiquiatria: Isaías Paim (1909-2004)*. In. *Psychiatry on line Brazil*, São Paulo, vol. 15, nº 1, Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano10/wal0110.php>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

TROTSKI, Leon. *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Um jantar com as imortais. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.345, 14/08/1943, p.42-43.

VENTURINI, Mariana. *Comunistas do Brasil e a questão da mulher*. Vermelho, 2021. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2021/03/08/comunistas-do-brasil-e-a-questao-da-mulher-parte-1-por-mariana-venturini/>. Acesso em: 21 set. 2023.

Voz Operária. 06/02/1954, p.5 apud MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O PCB e a Moral Comunista*. *LOCUS: revista de história, Juiz de Fora*, vol. 3, nº 1, pp. 69-83.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Trad. de Ivania Pocinho Motta, 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.